

**ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS
ACADEMIA REAL MILITAR (1811)
CURSO DE CIÊNCIAS MILITARES**

Nicholas José Fernando Pereira de Camargo

**O ASSALTO AEROMÓVEL NA OPERAÇÃO DESERT STORM DURANTE A
GUERRA DO GOLFO PÉRSICO**

**Resende
2023**

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DIREITOS AUTORAIS DE NATUREZA
PROFISSIONAL**

**TÍTULO DO TRABALHO: O ASSALTO AEROMÓVEL NA OPERAÇÃO DESERT
STORM DURANTE A GUERRA DO GOLFO PÉRSICO**

AUTOR: NICHOLAS JOSÉ FERNANDO PEREIRA DE CAMARGO

Este trabalho, nos termos da legislação que resguarda os direitos autorais, é considerado de minha propriedade.

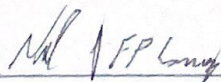
Autorizo o Exército Brasileiro (EB) a utilizar meu trabalho para uso específico no aperfeiçoamento e evolução da Força Terrestre, bem como a divulgá-lo por publicação em periódico da Instituição ou outro veículo de comunicação do Exército.

A Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) poderá fornecer cópia do trabalho mediante ressarcimento das despesas de postagem e reprodução. Caso seja de natureza sigilosa, a cópia somente será fornecida se o pedido for encaminhado por meio de uma organização militar, fazendo-se a necessária anotação do destino no Livro de Registro existente na Biblioteca.

É permitida a transcrição parcial de trechos do trabalho para comentários e citações desde que sejam transcritos os dados bibliográficos dos mesmos, de acordo com a legislação sobre direitos autorais.

A divulgação do trabalho, em outros meios não pertencentes ao Exército, somente pode ser feita com a autorização do autor ou da Direção de Ensino da AMAN.

Resende, 8 de agosto de 2023



Assinatura do Cadete

Dados internacionais de catalogação na fonte

C173a CAMARGO, Nicholas José Fernando Pereira de

O assalto aeromóvel na operação Desert Storm durante a guerra do golfo pérsico / Nicholas José Fernando Pereira de Camargo – Resende; 2023. 48 p. : il. color. ; 30 cm.

Orientador: Pedro Costa Neves

TCC (Graduação em Ciências Militares) - Academia Militar das Agulhas Negras, Resende, 2023.

1. Desert Storm. 2. Assalto aeromóvel. 3. 101^o Divisão Aeroterrestre. I. Título.

CDD: 355

Ficha catalográfica elaborada por Mônica Izabele de Jesus CRB-7/7231

Nicholas José Fernando Pereira de Camargo

**O ASSALTO AEROMÓVEL NA OPERAÇÃO DESERT STORM DURANTE A
GUERRA DO GOLFO PÉRSICO.**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares**.

Orientador: Pedro Costa Neves

Resende
2023


Nicholas José Fernando Pereira de Camargo

**O ASSALTO AEROMÓVEL NA OPERAÇÃO DESERT STORM DURANTE A
GUERRA DO GOLFO PÉRSICO.**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares.**

Aprovado em 8 de agosto de 2023.

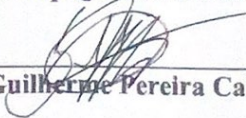
Banca examinadora:



Cap Pedro Costa Neves
(Presidente Orientador)



Cap Filipe Lomba Resende



Cap Guilherme Pereira Calixto

Resende
2023

Dedico este trabalho principalmente a Deus, que me iluminou em todos os dias de minha vida,
à minha noiva e à minha família.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter conferido a mim a sabedoria para realizar este trabalho. Agradeço à minha noiva e à minha família, por todo o apoio oferecido nesse período da minha formação. Aos meus amigos, que contribuíram como puderam para a conclusão desta etapa. E por fim, porém não menos importante, agradeço ao meu orientador por ter me guiado durante todo o processo de execução desta monografia.

RESUMO

O ASSALTO AEROMÓVEL NA OPERAÇÃO DESERT STORM DURANTE A GUERRA DO GOLFO PÉRSICO

AUTOR: Nicholas José Fernando Pereira de Camargo

ORIENTADOR: Pedro Costa Neves

A Guerra do Golfo foi um conflito em 1991 desencadeado da crise estabelecida na região, decorrente da invasão do Kuwait pelo Iraque. As potências ocidentais, lideradas pelos Estados Unidos e com o apoio da ONU, formaram a coalizão internacional, cujo objetivo foi expulsar Saddam Hussein do Kuwait. A guerra se dividiu em duas partes, sendo a Operação Desert Storm o objeto deste estudo. Esta operação se baseava em um envolvimento realizado pelo XVIII Corpo Aeroterrestre, do qual a 101ª Divisão Aeroterrestre ficou responsável pelo esforço principal. Para isso a divisão fez o uso do assalto aeromóvel para conquistar posições profundas no interior do Iraque. O trabalho possui como objetivo compreender a efetividade do assalto aeromóvel para o rápido sucesso obtido pela Operação Desert Storm, tendo em vista extrair as lições face a grande capacidade das forças aeromóveis no combate, com isso revela sua importância para o aperfeiçoamento constante da doutrina. Desta maneira, foi realizada a abordagem do contexto da Guerra do Golfo, uma descrição sobre o Exército dos Estados Unidos com destaque para sua doutrina e uma análise da campanha terrestre no conflito. Com esta pesquisa notou-se que o objetivo da 101ª Divisão foi cumprido com êxito e eficiência, e demonstrou ser imprescindível ao sucesso da Operação Desert Storm, colocando pela primeira vez à prova a doutrina que possui reflexos até os dias atuais.

Palavras-chave: Operação Desert Storm. Assalto Aeromóvel. 101ª Divisão Aeroterrestre.

ABSTRACT

THE AIR ASSAULT IN THE OPERATION DESERT STORM DURING THE GULF WAR

AUTHOR: Nicholas José Fernando Pereira de Camargo

ADVISOR: Pedro Costa Neves

The Gulf War was a 1991 conflict triggered by the crisis in the region arising from Iraq's invasion of Kuwait. The Western powers, led by the United States and with the support of the UN, formed the international coalition whose goal was to oust Saddam Hussein from Kuwait. The war was divided into two parts, with Operation Desert Storm being the object of this study. This operation was based on engagement carried out by the XVIII Airborne Corps, of which the 101st Airborne Division was in charge of the main effort. To this end, the division made use of air assault to gain positions deep inside Iraq. The objective of this work is to understand the effectiveness of the air assault in the rapid success of Operation Desert Storm, in order to extract lessons from the great capacity of the air assault forces in combat, and to reveal its importance for the constant improvement of doctrine. In this way, the context of the Gulf War was approached, a description of the United States Army with emphasis on its doctrine and an analysis of the ground campaign in the conflict. With this research it was noted that the objective of the 101st Division was fulfilled with success and efficiency, and proved to be essential to the success of Operation Desert Storm, putting to the test for the first time the doctrine that has reflexes until today.

Keywords: Operation Desert Storm. Air Assault. 101st Airborne Division.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Planejamento da doutrina da batalha ar-terra.....	15
Figura 2 – Organização do ARCENT.....	21
Figura 3 – Planejamento geral da campanha terrestre.....	23
Figura 4 – Movimento “Hail Mary”	24
Figura 5 – Posicionamento das forças terrestres no Dia G.....	26
Figura 6 – Dia G.....	29
Figura 7 – Dia G+1.....	31
Figura 8 – Dia G+2.....	32
Figura 9 – Dia G+3.....	34

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
1.1	OBJETIVOS.....	10
1.1.1	Objetivo geral.....	10
1.1.2	Objetivos específicos.....	10
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	11
2.1	GUERRA DO GOLFO.....	11
2.2	DOCTRINA.....	13
2.3	O EXÉRCITO DA DÉCADA DE 90.....	17
2.4	OPERAÇÃO DESERT STORM.....	18
2.4.1	Planejamento.....	18
2.4.2	Posicionamento.....	23
2.4.3	Ofensiva Terrestre.....	26
2.5	OPERAÇÕES AEROMÓVEIS.....	34
2.5.1	Assalto Aeromóvel.....	35
3	REFERENCIAL METODOLÓGICO.....	37
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	38
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
	REFERÊNCIAS.....	45

1 INTRODUÇÃO

A Guerra do Golfo Pérsico foi um conflito internacional entre a coalizão, aprovada pela ONU (Organização das Nações Unidas), e o Iraque, durante o ano de 1991. O embate se iniciou com a invasão do Kuwait pelas forças de Saddam Hussein, o então Presidente do Iraque, resultando na criação de uma força internacional liderada pelos Estados Unidos contrária a invasão.

Esse confronto tem uma notável importância por ser a primeira crise internacional após o fim da Guerra Fria sucedida por uma intervenção militar, revelando os primeiros traços da Nova Ordem Mundial. Como também se destaca por ter um inesperado curto período de combate terrestre, no qual a coalizão expulsou o exército iraquiano do Kuwait.

A campanha terrestre da Guerra do Golfo se deu pela Operação Desert Storm, cem horas de uma ofensiva com o intuito de derrubar as forças iraquianas, a fim de libertar o Kuwait. O ataque valeu-se de uma enorme progressão blindada, coberta por tropas da 101ª Divisão Aeroterrestre que efetuaram um assalto aeromóvel a centenas de quilômetros da fronteira, caracterizando como “uma das maiores operações na História Militar a utilizar helicópteros” (SCHUBERT; KRAUS, 1998, p. 256).

Esta monografia propõe um estudo sobre o assalto aeromóvel conduzido pelos Estados Unidos na Operação Desert Storm no contexto da ofensiva terrestre realizada durante a Guerra do Golfo, dessa maneira, é problematizada a seguinte questão: qual foi a efetividade do assalto aeromóvel para o sucesso da Operação Desert Storm?

Portanto, a pesquisa procura compreender a efetividade do assalto aeromóvel efetuado durante o conflito de 1991 no Iraque, assimilando à condução das operações para a surpreendente e esmagadora vitória dos Estados Unidos no combate contra as forças iraquianas no Kuwait, e por fim vislumbrar as repercussões militares desse assalto.

Este trabalho justifica-se sob o ponto de vista da grande capacidade das forças aeromóveis, segundo Durand, Michel e Tenenbaum (2012), grande parte das operações atuais, como Afeganistão, Costa do Marfim, Chade e Sahel, incluindo também operações de manutenção da paz, como Líbano e Congo, demonstram a função desempenhada pela aeromobilidade, capaz de atuar em um amplo espectro de ameaças e riscos, desde que o ambiente em conflito tenha sido corretamente avaliado. Com o intuito de extrair as lições demonstradas nesta página da história, será realizada uma análise do assalto aeromóvel realizado durante a Operação Desert Storm.

Com esse estudo poderá aplicar uma otimização na condução de missões que utilizam como meio o helicóptero, para atingir o aperfeiçoamento da doutrina e então se obter melhores resultados em campanha, maximizando o poder de combate e minimizando as baixas, numa futura conjuntura de embate militar.

A monografia é composta por cinco capítulos: introdução com uma breve explanação sobre o trabalho; referencial teórico, dividido em cinco partes, abordando o contexto da Guerra do Golfo, analisando o exército dos Estados Unidos na véspera do conflito, com ênfase na sua doutrina, e descrevendo a Operação Desert Storm encerrando com uma pesquisa acerca da doutrina nacional das operações aeromóveis; referencial metodológico com a explicação da metodologia abordada; resultados e discussão sobre os assuntos estudados; concluindo com as considerações finais na qual está presente o encerramento deste estudo.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral

Analisar o assalto aeromóvel realizado na Operação Desert Storm.

1.1.2 Objetivos específicos

Compreender a condução da Operação Desert Storm;

Identificar as principais características de um assalto aeromóvel;

Analisar o resultado das ações aeromóveis da Operação Desert Storm.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 GUERRA DO GOLFO

Durante os anos de 1980 a 1988 o Iraque se envolveu na Guerra Irã-Iraque, onde duvidosamente saiu vencedor deste conflito. Entretanto, adquiriu uma imensa dívida, cerca de mais que o triplo da quantia anterior a guerra, e também se deparou com uma produção de petróleo afetada pelas condições do combate em grande parte da década. O quadro econômico do Iraque se demonstrava fragilizado para o começo dos anos 90, e quatro tentativas de assassinato do ditador Saddam Hussein demonstravam certa rejeição do seu governo de mais de dez anos (FINLAN, 2003).

Em 1989 Saddam Hussein alterou significativamente sua política externa, contestando a presença dos americanos no oriente médio, e acima de tudo procurando se estabelecer no centro das relações árabes a fim de afirmar sua liderança regional (RIBEIRO, 2000).

No início do ano de 1990, frente aos problemas enfrentados por seu país, Saddam Hussein pediu ajuda financeira ao Conselho de Cooperação Árabe, porém seus vizinhos negaram seus pedidos, o que piorou ainda mais a imagem do líder Árabe, gerando instabilidade política para esse ano (FINLAN, 2003).

Em julho, o Iraque adotou uma política contrária ao Kuwait, realizando uma série de exigências, dentre as quais: o pagamento pelo petróleo que estariam roubando do campo iraquiano Rumaila e a anulação dos empréstimos concedidos ao Iraque na década passada, pois seriam frutos do excesso da produção de petróleo, superando as cotas da OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo) (FINLAN, 2003).

Ao longo do mês, Saddam realizou uma série de esforços ameaçando o Kuwait a responder suas exigências, dentre eles ressalta-se que o líder iraquiano ordenou a concentração de tropas ao longo da fronteira com o Kuwait (RIBEIRO, 2000).

A diplomacia chegou ao fim quando, no final de julho, um representante do governo de Hussein propôs dez bilhões de dólares para recompensar as acusações e o Príncipe do Kuwait ofereceu apenas nove bilhões, ferindo mais uma vez a honra de Saddam Hussein. E então, no dia 2 de agosto, o Iraque invadiu o Kuwait, sendo necessárias apenas 12 horas para acabar com qualquer tipo de resistência da nação invadida (FINLAN, 2003).

A repercussão desta crise do Golfo se tornou internacional, pois acima de tudo, grandes reservas de petróleo se concentravam nessa área, demonstrando grande importância tendo em

vista a dependência mundial dessa matéria-prima. Saddam Hussein poderia ter sob o seu controle cerca de quarenta por cento das reservas de petróleo conhecidas em todo o planeta, se somando além do Kuwait, invadisse a Arábia Saudita (FINLAN, 2003).

A fim de restabelecer o *status quo* da região, os EUA decidiram formar e liderar uma coalizão composta por potências ocidentais e países árabes ameaçados pela invasão do Iraque. Porém era clara a preocupação de legitimar o conflito e assim, evitar uma nova guerra mundial (RIBEIRO, 2000).

Apenas algumas horas depois do ataque iraquiano, o Conselho de Segurança das Nações Unidas aprovou a Resolução 660 condenando a invasão e requisitando uma imediata retirada das forças iraquianas. Ao longo dos meses seguintes, também resultou do Conselho de Segurança, a legitimidade do uso da força pelos membros da coalizão após a data limite de 15 de janeiro de 1991, da qual as forças iraquianas deveriam abandonar o Kuwait. Logo de início, os Estados Unidos tomaram a liderança da coalizão internacional, pesando principalmente a possível e inquestionável crise econômica que poderia vir com as tropas de Saddam avançando até a Arábia Saudita e ocupando a área correspondente por pouco menos da metade das reservas de petróleo mundiais (FINLAN, 2003).

As forças armadas de Saddam Hussein reservavam uma grande atenção das potências mundiais da época. Com oito anos de experiência recente em conflito, o exército iraquiano era considerado como o quarto maior do mundo, com aproximadamente um milhão de homens equipados, em sua grande maioria, com armamentos soviéticos, como os rifles Kalashnikov AK-47 e os respeitadas blindados T-72. O exército também possuía como sua unidade de elite, doze divisões da Guarda Republicana, conhecidos por serem os guarda-costas pessoais de Saddam Hussein. A defesa antiaérea iraquiana era uma das mais completas de todo o mundo, com cerca de dez mil armas com esse propósito. A Força Aérea se apresentava muito bem preparada, com mais de novecentas aeronaves, se caracterizava como a sexta maior do mundo. A Marinha correspondia a menor força iraquiana, por possuir uma curta faixa de litoral no Golfo Pérsico. Além de suas forças convencionais, as inteligências ocidentais tinham a informação de que Saddam produzia toneladas de gás mostarda e outros agentes como Sarin e Tabun, além de haver suspeitas do desenvolvimento de armas biológicas ainda mais complexas (FINLAN, 2003).

No aspecto da doutrina, o Iraque possuía uma certa desvantagem, por ter adquirido equipamentos militares de diferentes países, as diferenças de métodos de emprego e de características entre si provocavam um esforço logístico muito grande e complexo, como também causavam uma doutrina misturada (EITO, 2017).

No dia 6 de agosto, o Rei Fahd, líder político da Arábia Saudita, autorizou a Operação Desert Shield, na qual cerca de duzentos e cinquenta mil militares americanos se deslocaram para o país árabe com o intuito de defender o território de uma possível invasão iraquiana. A decisão real ocorreu após ser exposto ao Rei imagens de satélite da inteligência indicando a posição de centenas de tropas do Iraque próximas a fronteira com a Arábia Saudita (FINLAN, 2003).

A logística foi o cerne da Operação Desert Shield, milhões de toneladas de materiais militares americanos foram enviados ao Oriente Médio, levando meses para estabelecer as forças necessárias para fazer frente a grande dimensão das forças armadas iraquianas, e assim criar uma das forças convencionais mais poderosas da história (FINLAN, 2003).

Apesar dos problemas e limitações da logística marítima e da dependência de disponibilidade da infraestrutura portuária e aeroportuária da Arábia Saudita, os Estados Unidos conseguiram movimentar e alocar suas forças com sucesso durante a Operação Desert Shield. Em meados de outubro, o objetivo de implementar em solo árabe uma força capaz de deter o ataque iraquiano foi alcançado. E então, começaram a ser discutidas soluções militares caso as sanções impostas ao Iraque não surtiram o efeito esperado. Dessa forma, sob ordem de seu presidente, o Departamento de Defesa dos Estados Unidos iniciou o planejamento e a preparação para operações ofensivas (DEPARTMENT OF DEFENSE, 1992).

2.2 DOCTRINA

Segundo Schubert e Kraus (1998, p. 68), o exército americano havia sofrido grandes mudanças desde a sua última participação em conflito, em 1972. Após quase vinte anos, a tropa localizada na Arábia Saudita pouco lembrava aquele exército tão criticado por conta de suas operações no Vietnã. O exército baseou sua reconstrução numa nova doutrina para forças de pronto-emprego, focando no desenvolvimento de novos equipamentos e no aperfeiçoamento da iniciativa nas lideranças. “No verão de 1990, o Exército dos Estados Unidos era uma força tecnologicamente sofisticada, altamente treinada, bem liderada e confiante.”

Em 1973, a Guerra Árabe-Israelense alertou o exército sobre o poder mortífero do arsenal moderno. Em menos de um mês havia sido destruídos mais carros-de-combate e peças de artilharia do que o exército americano possuía em toda a Europa na época. Esta guerra também aumentou a preocupação quanto ao foco direcionado às operações com infantaria aeromóvel, em detrimento de outras forças. Deixando claro que nas próximas guerras, o combate seria contra inimigos bem-equipados e com soldados peritos no uso de armas com

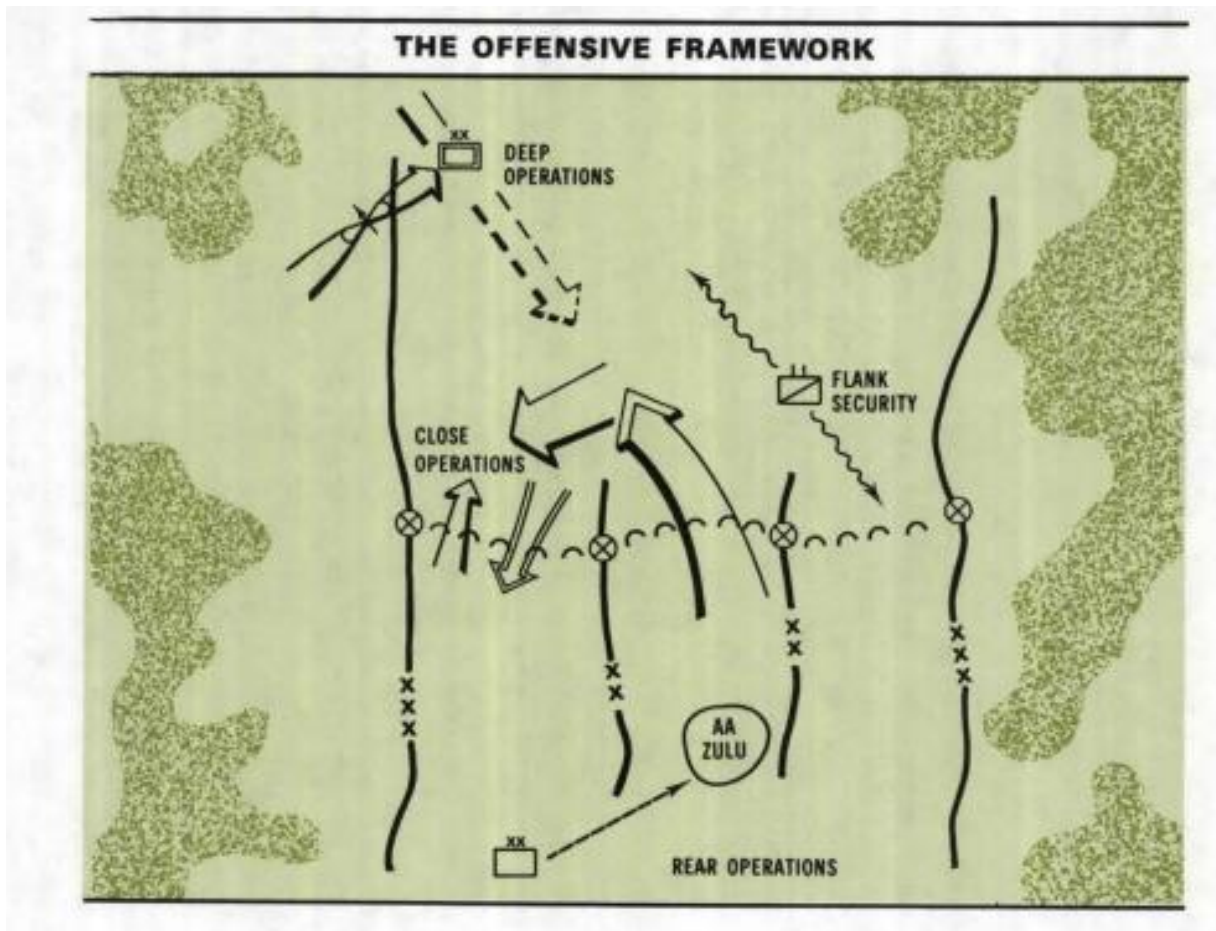
extremo nível de letalidade. Dessa maneira, buscar um meio de vencer rapidamente os próximos conflitos tornou-se incontestável (SCHUBERT; KRAUS, 1998).

O Manual de Campanha FM-100-5, escrito em 1976, foi a resposta do Exército às novas demandas do combate que exigiam uma nova doutrina. Este manual representou a base da família de manuais que mudaram a doutrina empregada desde a Guerra do Vietnã (SCHUBERT; KRAUS, 1998).

Do outro lado do planeta, a doutrina das forças do Pacto de Varsóvia tinha como base o escalonamento de ondas consecutivas de ataques com grande rapidez, mobilidade e surpresa, que cercariam o inimigo e os destruiriam. Como resposta, os americanos precisavam desenvolver uma nova doutrina com ênfase na capacidade tecnológica (EITO, 2017).

Dessa maneira se dava o início da nova doutrina da batalha ar-terra, a união de princípios aprendidos desde a Segunda Guerra Mundial por generais americanos. Conhecedores da exata noção da função exercida pelo poder aéreo em tornar possível uma importante manobra terrestre. A Escola de Comando e Estado Maior do Exército do Estados Unidos da América ilustrava as bases da batalha ar-terra nos conceitos de manobras tradicionais fazendo o uso de exemplos históricos, principalmente de operações de alta intensidade da Segunda Guerra Mundial (SCHUBERT; KRAUS, 1998).

Figura 1 – Planejamento da doutrina da batalha ar-terra



Fonte: FM100-5 (1986)

De acordo com a nova doutrina, três tipos de operações deveriam ser supervisionadas simultaneamente pelos comandantes. Perto da linha de contato, ocorreriam as operações aproximadas (*close operations*) travada pelo combate aproximado, manobra e apoio de fogo indireto. As operações em profundidade (*deep operations*) visavam isolar o campo de batalha e intervir quando, onde e contra quem os combates seriam travados, através da interdição das reservas inimigas por meios aéreos e terrestres, dissimulação e vigilância longínqua, auxiliando assim a vitória do combate aproximado. E por último, as operações de retaguarda (*rear operations*) empenhando-se na concentração e no deslocamento de reservas, na ininterrupção do apoio de fogo e na continuidade do apoio logístico e do comando e controle, assegurando assim o prosseguimento do combate (Figura 1) (SCHUBERT; KRAUS, 1998).

Após a publicação do novo manual, houve extensas análises doutrinária e tática nas revistas do Exército. Em 1977, ocorreu uma revisão substancial da doutrina que focou principalmente na ofensiva e deu maior importância às operações em profundidade, realçando a missão de um ataque terrestre em profundidade para dismantelar os escalões de

acompanhamento do inimigo. Grande parte das modificações exploravam as ações indiretas em uma operação militar, as quais procuravam combater o inimigo no local e no momento em que ele menos esperava (SCHUBERT; KRAUS, 1998).

Em sua nova edição de 1982, o manual destacou que o Exército deveria mesmo com inferioridade numérica, vencer a próxima guerra. Considerando o uso de blindados como o centro de uma operação militar e tendo como a mais importante arma em seu arsenal, o carro-de-combate. Por outro lado, o hábil emprego de todas as armas determinaria o sucesso do combate, especialmente infantaria, engenharia, artilharia e poder aéreo, com o intuito de proporcionar liberdade às forças de manobra. Os comandantes deveriam explorar as ações em profundidade, com operações que se estendessem no espaço, no tempo e nos meios, para manter o inimigo em desvantagem; e coordenar o poder de combate das forças terrestres e aéreas no momento decisivo (SCHUBERT; KRAUS, 1998).

Em 1982, o Exército adotou um novo conceito operacional, a batalha ar-terra, destacando a multidimensionalidade do campo de batalha. O foco no nível operacional foi a principal mudança com relação aos conceitos operacionais anteriores. Esta doutrina destacava a rápida mobilidade dos soldados e seus equipamentos, enquanto também evitava engajamentos escolhidos pelos inimigos. Sendo composta por quatro pilares: iniciativa, profundidade, agilidade e sincronização, poderiam também descrever as operações de assalto aéreo (RAUB, 2016).

A batalha ar-terra teve como principal finalidade vencer o inimigo conduzindo operações ofensivas simultâneas as quais compreendiam toda amplitude e profundidade do campo de batalha. Essa doutrina exigiu muito dos líderes de frações. Os comandantes precisavam lutar paralelamente nas operações aproximadas, de profundidade e de retaguarda, todas como partes interrelacionadas de uma batalha (DEPARTMENT OF DEFENSE, 1992).

A Batalha Aeroterrestre constituía um combate não linear no qual se priorizava a derrota das capacidades do inimigo em detrimento da conquista do terreno. Era composta por quatro fases: primeiro, distinguir o centro de gravidade operacional do inimigo; segundo, enquanto as forças terrestres se posicionassem para o ataque seria coordenado um sistema de fogos conjuntos com a artilharia, aviação de ataque e Força Aérea; terceiro, a execução do ataque terrestre aproveitando a iniciativa e sustentando a sua continuidade; quarto, a continuidade do apoio logístico ao mesmo tempo que se preparam as operações futuras. De maneira implícita, a superioridade aérea é uma condição para a execução desta doutrina (EITO, 2017).

Essa doutrina focou na combinação das equipes de armas, integrando totalmente as capacidades dos sistemas de combate terrestre, marítimos e aéreos. Destacou também o

planejamento de rápidos deslocamentos e decisivas concentrações de poder de combate, no local e no momento certo da batalha (DEPARTMENT OF DEFENSE, 1992).

2.3 O EXÉRCITO DA DÉCADA DE 90

A doutrina da batalha ar-terra avaliava claramente o desenvolvimento tecnológico como, além de uma ameaça, uma necessidade. O grande exército soviético e as forças do Pacto de Varsóvia obtinham uma poderosa vantagem se confrontados somente com potencial humano e o volume de equipamento da OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte) e dos Estados Unidos. Para vencer, sendo numericamente inferior, o Exército precisava aumentar o máximo possível sua margem de superioridade tecnológica (SCHUBERT; KRAUS, 1998).

Os Estados Unidos planejavam vencer seus inimigos que provavelmente seriam mais fortes, com a superioridade tecnológica de seus equipamentos bélicos, e assim vencer batalhas com o coeficiente acima de três inimigos contra um. Na década de 70 para atingir tal fim, o Exército deu início a cinco novos grandes projetos: o carro-de-combate M1 Abrams, a viatura de combate M2-Bradley, o helicóptero de ataque AH-64A-Apache, o helicóptero de emprego geral UH-60A Black Hawk e o míssil antiaéreo Patriot. Mesmo sabendo do alto custo desses investimentos, os especialistas em defesa consideraram que as Forças Armadas poderiam não ter o contingente necessário para operar um número maior de armas mais simples (SCHUBERT; KRAUS, 1998).

A substituição da antiga frota de helicópteros de emprego geral UH-1 Iroquois, empregado na Guerra do Vietnã, pelo UH-60A Black Hawk, revelou que o novo helicóptero seria mais rápido e mais silencioso, trazendo a possibilidade de transportar tanto um grupo de combate como um obuseiro de 105mm com sua guarnição (SCHUBERT; KRAUS, 1998).

Em 1983, dando uma crescente importância as operações apoiadas por helicópteros, o Exército criou a Aviação, uma organização responsável por conduzir o uso do arsenal de nova geração que incluía o AH-64 Apache, UH-60 Blackhawk, o melhorado CH-47D Chinook e os óculos de visão noturna específicos para a aviação. Os novos helicópteros de transporte, Blackhawk e Chinook, aprimoraram a velocidade, alcance e as decolagens das operações de assalto aéreo, assim como, as capacidades foram melhoradas pelos óculos de visão noturno, permitindo a realização de operações noturnas. Com esses avanços tecnológicos, o Exército conseguiu adequar sua nova doutrina com novos métodos de assalto aéreo (RAUB, 2016).

A consolidação do papel do helicóptero nas operações terrestres levou a mudanças

estruturais, na qual a 101ª Divisão Aeroterrestre se tornou a ponta da lança das manobras aeroterrestres. Em geral, excelentes forças de manobra poderiam ser constituídas por grandes formações baseadas em helicópteros, compensando sua vulnerabilidade com sua velocidade. Tais forças trariam ao campo de batalha a mesma capacidade disruptiva da cavalaria napoleônica e das divisões panzer do General Guderian (DURAND; MICHEL; TENENBAUM, 2012).

O Exército de 1990 provavelmente foi o mais bem treinado de toda a sua história, mesmo sendo uma tropa muito inexperiente, os problemas encontrados no fim da Guerra do Vietnã foram corrigidos, principalmente através da ênfase dada aos princípios básicos da liderança e da responsabilidade. Sendo assim, os militares depositavam uma grande confiança na doutrina empregada bem como nas suas próprias capacidades para combater. A Guerra do Golfo aconteceu num momento oportuno no qual o Exército completava seu ciclo de reformas e modernização (SCHUBERT; KRAUS, 1998).

Ser composto por um efetivo totalmente de voluntários, reforçados por um elevado número de reservistas dispostos, e ter equipamentos altamente sofisticados representaram ao Exército, que iniciou a década de 90, um grande avanço sobre o exército da era do Vietnã. O Exército levou ao combate, para apoiar as poderosas forças blindadas, consideráveis números de helicópteros desde os agressivos Apache e Cobra até os helicópteros de suporte Black Hawk e Huey. Oferecendo à força uma enorme flexibilidade, rapidez de movimento e uma força de combate devastadora. No geral, os combates de 1991 poderiam provar a efetividade de todo o espantoso poder de combate a disposição das forças da coalizão (FINLAN, 2003).

2.4 OPERAÇÃO DESERT STORM

2.4.1 Planejamento

Segundo Ribeiro (2000), a campanha militar das forças da coalizão contra o Iraque se baseou no planejamento dividido em quatro fases. Primeiramente, a Campanha Aérea Estratégica, cuja finalidade era desorganizar as funções vitais do regime iraquiano pela destruição dos seus sistemas de comunicações; centros vitais das suas capacidades ofensivas e defensivas; da sua Força Aérea; do sistema integrado de defesa aérea e da sua capacidade de produção de armas Nucleares Biológicas e Químicas. A segunda fase foi a Obtenção da Superioridade Aérea no Kuwait, através da supressão das defesas antiaéreas iraquianas, radares e mísseis antiaéreos. Terceira, Preparação do Campo de Batalha, a qual tinha como objetivo a

redução do potencial de combate das forças iraquianas, sendo realizada pela Força Aérea Aliada e por meios de lançamento das forças terrestres e navais. Concluindo com a Campanha Terrestre, com objetivo de isolar o exército iraquiano no Kuwait, destruir as forças da Guarda Republicana e libertar o Kuwait.

O plano feito pela coalizão, enfatizou os pontos fortes de suas forças e explorou as fraquezas do Iraque. A soma das experiências adquiridas com diversos exercícios conjuntos, do arsenal de alta qualidade e de um pessoal bem treinado, motivados pela confiança e por líderes competentes, resultou na capacidade das forças não executarem somente os planos de batalha, mas também improvisar e se sobressair sobre os imprevistos. A coordenação das operações aéreas, navais e terrestres produziram uma sinergia que devastaria Saddam Hussein com o mínimo possível de perdas para a Coalizão. O plano atacou com primazia as vulnerabilidades das forças iraquianas: o rígido sistema de coordenação controle, estratégia, doutrina, logística, infraestrutura e as brechas do sistema de defesa aéreo. De semelhante maneira, a coalizão planejou longas e amplas manobras através do deserto contra o inimigo, prevendo que os comandantes iraquianos seriam incapazes de visualizar o terreno em profundidade. O plano seria completado atacando seguramente alvos selecionados, deixando a infraestrutura econômica básica do Kuwait intacta, resultando no enfraquecimento do regime de Saddam, para estabelecer o equilíbrio militar da região (DEPARTMENT OF DEFENSE, 1992).

A Operação Desert Storm se iniciou no dia 16 de janeiro de 1991 com a campanha aérea, utilizando-se de bombardeios em Bagdad, Bassorá e na cidade do Kuwait, para atingir as estruturas industriais, econômicas e militares do Iraque. A Coligação possuía superioridade tecnológica no uso de aeronaves como também no uso de mísseis, utilizando os famosos mísseis de Cruzeiro Tomahawk, que tinham como origem os porta-aviões localizados no Golfo Pérsico. Grande parte dos pilotos iraquianos, percebendo a baixa possibilidade de sucesso no combate, seja pela inferioridade do poder aéreo ou pelo baixo nível de instrução, fugiram para o Irã, resultando numa rápida supremacia aérea da coligação. A partir desse momento começou a ser desenhada a derrota do Iraque, que teve a atuação das suas forças aéreas e navais anulada, apenas restando o combate terrestre a Saddam Hussein (RIBEIRO, 2000).

Os alvos considerados de maior valor foram os sistemas de comunicação da cidade do Kuwait e de Bagdá. Com uma rígida e centralizada cadeia de comando, o exército iraquiano não operava sem a aprovação dos comandos superiores. Assim as tropas desdobradas no terreno não conseguiam agir em cooperação, pois não recebiam ordem de reação ou informação do terreno e das ações dos aliados, representando a completa destruição dos sistemas de comando e controle (EITO, 2017).

Em uma semana se obteve a superioridade aérea, destruindo parte dos aviões iraquianos em terra, e posteriormente a supremacia aérea a partir do momento em que a força aérea iraquiana começou sua retirada para o Irã, na procura da segurança contra os bombardeios aliados e no intuito de reservar parte do poder aéreo para a eventual defesa do território nacional, caso o posterior ataque terrestre continuasse até Bagdá (EITO, 2017, p.30).

As forças aéreas foram responsáveis por reduzir cinquenta por cento da eficiência de combate iraquiana, como também por anular o sistema de comando e controle e inutilizar as pontes que possibilitavam a retirada das tropas de Saddam ao Iraque. A supremacia aérea alcançada facilmente pela coligação, permitiu a realização de grandes movimentos sem a detecção inimiga, conferindo total liberdade as ações terrestres (EITO, 2017).

Uma limitação da campanha aérea se deu por conta do plano de dissimulação do setor oeste do teatro de operações, por onde seria realizado o ataque principal, não havendo um desgaste efetivo do inimigo nessa área. A intenção do plano era atrair a atenção do inimigo na porção leste do dispositivo com intensos bombardeios.

Segundo Ribeiro (2000), as forças terrestres da Coalizão Multinacional eram basicamente constituídas por:

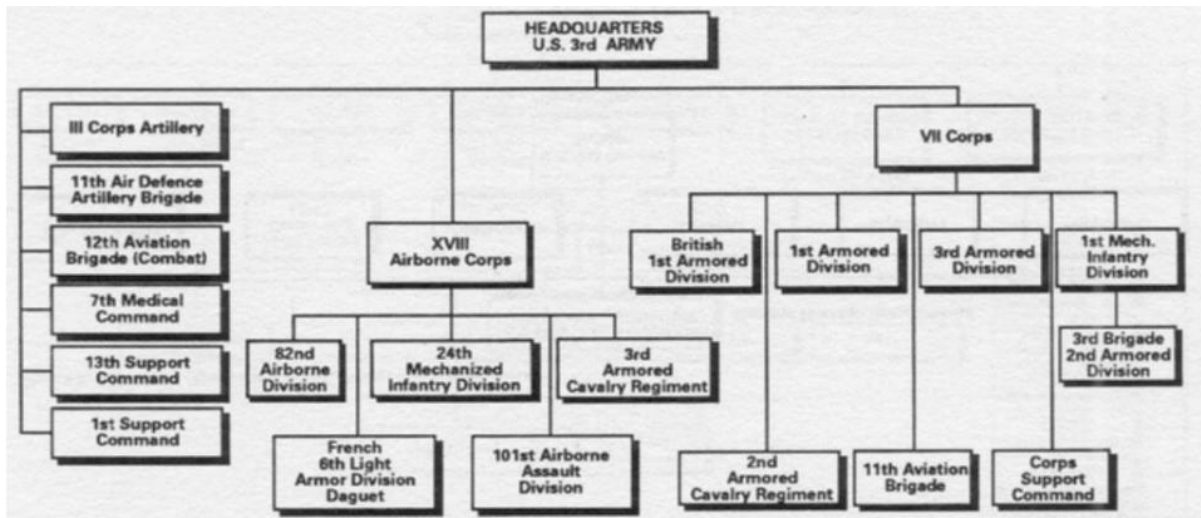
ARCENT – United States Army Central

MARCENT – United States Marines Corps Forces Central Command

JFC – Joint Forces Command (forças dos países árabes e muçulmanos, exceto Marrocos e Bangladesh)

O ARCENT foi composto fundamentalmente por dois corpos de Exército. O VII Corpo de Exército, constituído à base de Blindados, possuía um grande poder de choque, fogo, proteção e movimento, estando especificamente vocacionado para combater as forças blindadas iraquianas. O XVIII Corpo de Exército Aerotransportado possuía uma elevada mobilidade e estava especificamente vocacionado para garantir a posse de terreno, vencer grandes distâncias e obstáculos, mas apresentava algumas limitações de proteção e capacidade de choque (RIBEIRO, 2000).

Figura – 2 Organização do ARCENT



Fonte: Ribeiro (2000)

O plano para a ofensiva terrestre consistia primeiramente numa demonstração de forças ao longo da costa do Kuwait, realizada pelos fuzileiros navais, a fim de desviar a atenção dos iraquianos do flanco oeste. Após isso, as reservas iraquianas seriam atacadas pelos fuzileiros navais e forças árabes. Ao mesmo tempo, o XVIII Corpo, composto pela 6ª Divisão Blindada Leve da França e pelas 82ª e 101ª Divisão Aeroterrestres, a oeste, atacaria em direção ao Norte, assegurando proteção ao flanco esquerdo da manobra, tendo como objetivos o Vale do Rio Eufrates a curto e Bagdá a longo de suas posições (SCHUBERT; KRAUS, 1998).

O ataque principal seria lançado no dia seguinte. A poderosa força blindada do VII Corpo, a 24ª Divisão de Infantaria (Mecanizada) do XVIII Corpo e a 3ª Divisão de Cavalaria à esquerda, transporiam as fortificações inimigas, penetrariam até a retaguarda e destruiriam a reserva do teatro de operações inimigo, a Guarda Republicana. Uma hora após o ataque do VII Corpo, os egípcios e outras forças árabes, na direita, atacariam pelo sudoeste do Kuwait para cobrirem o flanco direito do VII Corpo. Entre os árabes e o VII Corpo, em condições de apoiar a este último, a 1ª Divisão de Cavalaria faria uma finta no *vadi* de al Batin acima. (SCHUBERT; KRAUS, 1998, p. 221).

As forças árabes e o corpo de fuzileiros navais fixariam as forças táticas e operacionais do inimigo a leste, por meio de abertura de brechas da defesa iraquiana no Kuwait, e cercaria as tropas inimigas pela porção Norte do Kuwait e pela Cidade do Kuwait. O apoio árabe reunido no JFC, foi dividido no JFC Norte (JFC-N) e no JFC Leste (JFC-E). O JFC-N bloquearia as forças iraquianas a Norte da Cidade do Kuwait. O MARCENT destruiria as forças inimigas nos objetivos principais ao sudeste da Cidade de Al-Jahra e realizaria exercícios e simulações anfíbias para enganar o inimigo antes e durante a campanha terrestre. O JFC-E ficaria

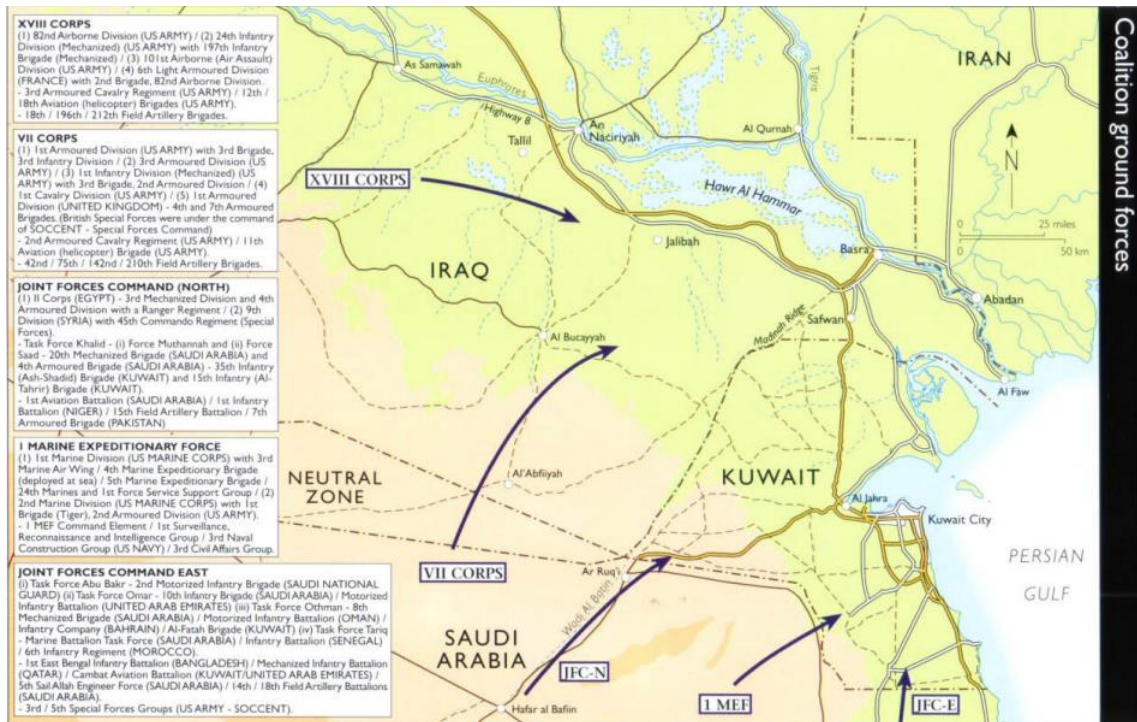
responsável pelo setor mais a leste do dispositivo e ocuparia alvos chave ao longo da costa iraquiana. Com a Cidade do Kuwait cercada e as forças de Saddam Hussein derrotadas ou expulsas, a Cidade do Kuwait seria liberta pelas forças árabes tanto do JFC- N como do JFC-E (DEPARTAMENT OF DEFENSE, 1992).

O planejamento do envolvimento a ser realizado pelos dois corpos eram semelhantes: uma penetração ao norte, uma volta a direita seguida de um assalto a leste na direção do Kuwait. A diferença entre eles seria a maior distância a ser coberta pelo XVIII Corpo Aeroterrestre, de modo a ter as divisões da Guarda Republicana entre eles, atacando-as até se renderem ou serem destruídas (SCHUBERT; KRAUS, 1998).

De maneira geral, a Operação Desert Storm dependia do sucesso do movimento executado pelo XVIII Corpo, que tinha como intuito: neutralizar as comunicações das forças iraquianas ao longo do Rio Eufrates, evitando o retraimento das tropas inimigas; isolar as forças de Saddam Hussein de sua base de operações em Bagdad; e separar as suas reservas operacionais e estratégicas impedindo o reforço das reservas e deixando como única opção ao Iraque combater em duas frentes opostas. Dessa maneira o plano explorou a mobilidade do XVIII Corpo e o poder de choque do VII Corpo, aproveitando o setor mais fraco da defesa do Iraque, o Oeste (RIBEIRO, 2000)

O plano foi desenvolvido para o ataque evitar a maioria das defesas fixas, infiltrar em profundidade, envolver as forças de Saddam pelo setor oeste e destruir as divisões blindada e mecanizadas da Guarda Republicana. A ampla manobra a ser realizada no flanco esquerdo evidenciava os pilares da doutrina da batalha ar-terra, superioridade tecnológica, supremacia aérea, inteligência precisa e as ações aéreas diminuindo o poder de combate inimigo (DEPARTAMENT OF DEFENSE, 1992).

Figura 3 – Planejamento geral da campanha terrestre



Fonte: Finlan (2003)

2.4.2 Posicionamento

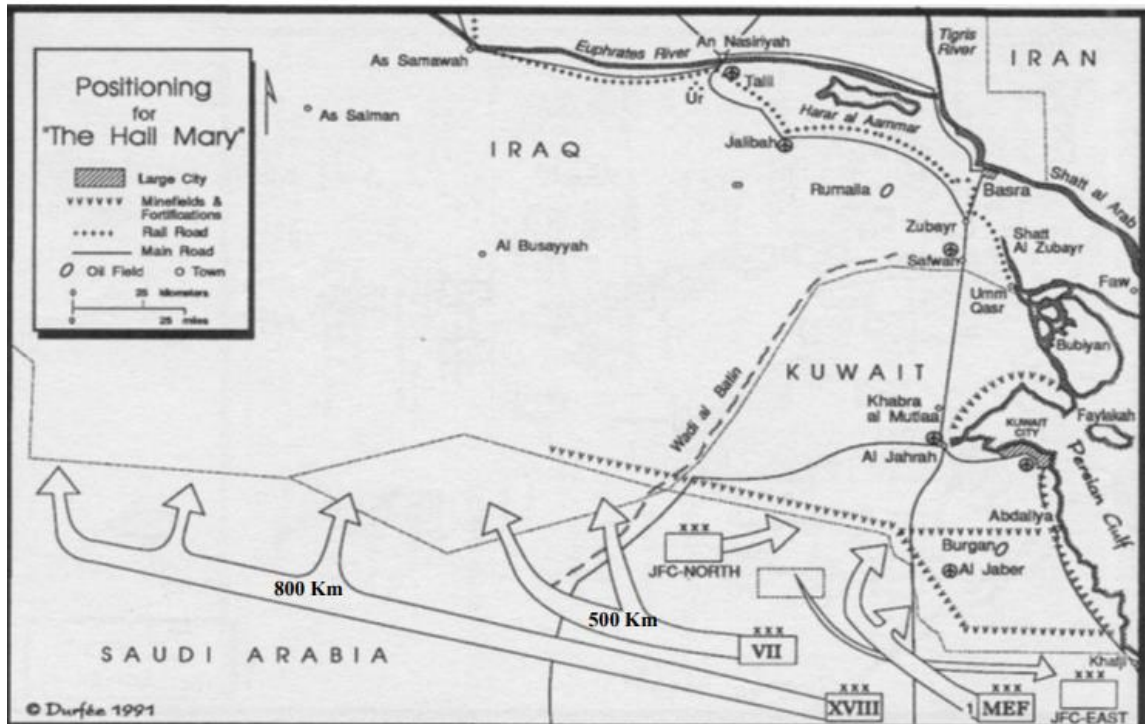
No dia 16 de janeiro de 1991, antes de iniciar a Operação Desert Storm, o posicionamento da coalizão levava Saddam Hussein a acreditar que o ataque principal se daria no Kuwait por meio de uma longa frente na fronteira com a Arábia Saudita, contando com apoios de desembarques no Golfo Pérsico (MACIEIRA, 2004).

Com o início da Campanha Área, a coalizão começou a desdobrar suas tropas para realizar o ataque terrestre. Para isso foi realizado o deslocamento dos dois corpos de exército, evitando a observação inimiga e escondendo por onde seria realizado o esforço principal da ofensiva terrestre. O mais pesado deles, o VII Corpo, encarregado com a missão principal, se deslocou durante três dias de suas Zonas de Reunião Iniciais, localizadas na Cidade Militar do Rei Khalid, em direção às suas Zonas de Reunião Finais, se desdobrando para realizar o dispositivo inicial da campanha. O XVIII Corpo realizou um movimento ainda maior, ultrapassando a Zona de Reunião Final do VII Corpo e ocupando a Zona de Reunião Campbell, mais a oeste do dispositivo, fazendo o uso de meios terrestres e aéreos para alcançar a posição o mais rápido possível (EITO, 2017).

O movimento para Oeste dos dois Corpos de Exército totalizou cerca de 200.000 homens e milhares de toneladas de equipamento, se deslocando cobertos por bombardeios

aéreos e navais e por fogos da artilharia. Para o sucesso da ofensiva terrestre era essencial que Saddam Hussein não descobrisse a movimentação dos dois Corpos. O VII Corpo percorreu 500 km enquanto o XVIII Corpo se moveu 800 km, retratando o movimento que ficou conhecido por “Hail Mary”. O deslocamento foi completado no dia 16 de janeiro, tomando de imediato o dispositivo para o início das operações terrestres (RIBEIRO, 2000).

Figura 4 – Movimento “Hail Mary”



Fonte: Ribeiro (2000)

O movimento foi um dos maiores e mais longos deslocamentos de forças de combate em toda a história, caracterizado pela mobilização ao longo das 24 horas dos dias, por mais de três semanas antes do início da ofensiva terrestre. O número total de pessoal e a quantidade de equipamento ultrapassou o deslocamento durante a Segunda Guerra Mundial, para o ataque em direção ao flanco alemão, realizado pelo General George S. Patton. Divisões inteiras com extensas estruturas logísticas se moveram centenas de milhas sem serem detectadas pelos iraquianos, por meio de uma rede de estrada precária, dificultando não só a movimentação como também, o seu controle (DEPARTMENT OF DEFENSE, 1992).

Antes e durante o posicionamento final foram realizadas diferentes atividades de preparação para o ataque. A aclimação das forças ocidentais ao terreno desértico foi difícil e exigiu uma nova disciplina de hidratação, a necessidade de realizar treinamentos com equipamentos de proteção Química, Biológica, Radiológica e Nuclear tornou a adaptação ainda

mais complicada. As tropas receberam treinamentos para o eficiente emprego dos novos equipamentos que seriam usados pela primeira vez em combate. Também foram realizados diversos reconhecimentos a procura da localização de campos minados e obstáculos iraquianos (EITO, 2017).

No dia 29 de janeiro com a finalidade de determinar o real poder das forças da coalizão, os iraquianos realizaram um reconhecimento em força na localidade de Kahfji. Os iraquianos estabeleceram o controle da cidade por apenas dois dias. Esta ação foi importante por dois motivos. O primeiro demonstrou que operações complexas eram uma vulnerabilidade iraquiana. E também, confirmou que Saddam Hussein acreditava que o esforço principal da ofensiva seria ao Sul da fronteira do Kuwait com a Arábia Saudita, um sucesso para os esforços da coalizão (EITO, 2017).

O significado da estratégia de tomar o controle da cidade Al Khafji é duvidoso, uma vez que a cidade não possuía valor militar significativo e a maioria da população local já havia sido evacuada. A batalha de Al Khafji foi nada menos do que um desastre para as forças iraquianas, onde apenas 20 por cento da divisão que realizou o ataque conseguiram cruzar a fronteira e retornar ao exército iraquiano (FINLAN, 2003).

No dia 21 de janeiro, o ARCENT notificou seus comandantes do “Dia G” e a “Hora H” das quais marcariam o início da ofensiva terrestre, às 03:00 do dia 24 de fevereiro, em horário local (SCHUBERT; KRAUS, 1998).

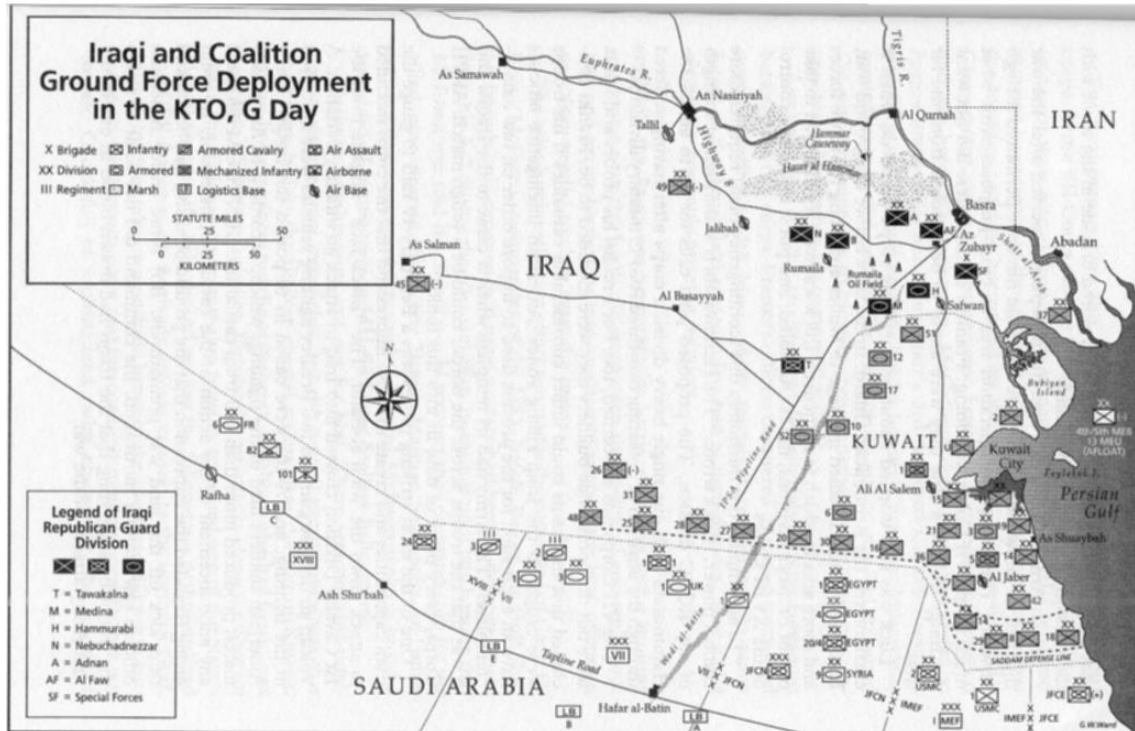
A disposição final para a ofensiva das forças da coalizão, de acordo com Eito (2017, p. 32), foi composta:

de Leste para Oeste pelos seguintes comandos: Comando das Forças Árabes da Área Leste (da Arábia Saudita e o Kuwait), Comando Central dos Fuzileiros Navais Americanos (MARCENT) e o Comando das Forças Árabes da Área Norte (do Egito, a Síria, a Arábia Saudita e o Kuwait). O Ataque Principal do Oeste continha O VII Corpo de Exército americano (com uma divisão em reforço do Reino Unido) e o XVIII Corpo de Exército Aerotransportado americano (com uma divisão em reforço da França).

O ARCENT estava disposto com o XVIII Corpo mais a oeste e o VII a leste. O XVIII Corpo se posicionou, de oeste para leste, com a 6ª Divisão Blindada (Leve) francesa, a 101ª Divisão Aeroterrestre, a 24ª Divisão de Infantaria (Mecanizada) e o 3º Regiment de Cavalaria Mecanizado, com a 82ª Divisão Aeroterrestre à retaguarda da divisão francesa. O VII Corpo estava em posição, de oeste para leste, com as 1ª e 3ª Divisões Blindadas, a 1ª Divisão de Infantaria, a 1ª Divisão Blindada Inglesa e a 1ª Divisão de Cavalaria (Blindada). O 2º Regiment

de Cavalaria Mecanizado se posicionou mais a oeste para fazer a cobertura no limite com o XVIII Corpo (SCHUBERT; KRAUS, 1998).

Figura 5 – Posicionamento das forças terrestres no Dia G



Fonte: Ribeiro (2000)

2.4.3 Ofensiva Terrestre

O General Schwarzkopf, comandante das forças da coalizão internacional, atacou as forças iraquianas em três pontos ao longo da linha aliada:

No extremo oeste, a 6ª Divisão Blindada Leve francesa e a 101ª Divisão Aeroterrestre iniciaram um envolvimento em larga escala, a oeste, realizando um assalto terrestre para dar segurança ao flanco esquerdo aliado, e um assalto aéreo para instalar bases de apoio avançadas bem dentro do território iraquiano. Próximo ao centro do dispositivo, ao longo do Vadi al Batin, a 1ª Divisão de Cavalaria do General-de-Divisão John H. Tilelli Jr. atacou, na direção norte, uma concentração de divisões iraquianas cujos comandantes ainda estavam convencidos de que a coalizão utilizaria aquele e vários outros vadis como vias de acesso. A leste, as duas divisões de fuzileiros navais, a Brigada Tigre e tropas da coalizão sob comando saudita atacaram, na direção norte, penetrando no Kuwait. Diante de três grandes ataques lançados em três pontos tão distantes dos outros, o comando iraquiano tinha que iniciar sua defesa no Kuwait e em seu país, dispersando seu poder de combate e seus meios logísticos. (SCHUBERT; KRAUS, 1998, p. 254)

24 DE OUTUBRO DE 1991: DIA G

O ataque se iniciou no flanco oeste do teatro de operações, com o XVIII Corpo. A 6ª Divisão Blindada Leve tinha como objetivo conquistar a 145 km da fronteira, As Salman, uma encruzilhada com um campo de pouso, recebendo o nome de objetivo White. Porém antes de alcançarem o objetivo, os franceses se depararam com a 45ª Divisão de Infantaria Iraquiana, dispondo apenas de 50% de suas condições de combate, afetados pelo pesado ataque aéreo e pelas operações psicológicas das forças da coalizão. Após um rápido combate, os franceses fizeram 2500 prisioneiros e controlaram a área onde estava a divisão iraquiana, nomeada Rochambeau. Ainda no mesmo dia, conquistaram sem luta Al Saman, estabelecendo a segurança no flanco esquerdo aliado (SCHUBERT; KRAUS, 1998).

A 82ª Divisão Aeroterrestre seguindo os rastros dos franceses, liberaram uma rodovia no Sul da Iraque que se tornou o eixo principal de suprimentos Texas para apoiar a progressão ao norte (SCHUBERT; KRAUS, 1998).

O ataque principal do XVIII Corpo, a ser realizado pela 101ª Divisão Aeroterrestre comandado pelo General de Divisão J. H. Binford Peay III, foi adiado por duas horas por conta de condições meteorológicas. O objetivo inicial era estabelecer uma base de operações avançadas, de codinome Cobra, situada a 180 km para o interior do Iraque, metade da distância para o Rio Eufrates. Com a cobertura de helicópteros de ataque AH-64 Apache e AH-1 Cobra, 60 UH-60 Black Hawk e 40 CH-47 Chinook iniciaram o deslocamento da 1ª Brigada. Mais de 300 voos foram realizados desembarcando tropas e equipamentos para a área do objetivo Cobra na maior operação de assalto aéreo da história (DEPARTMENT OF DEFENSE, 1992).

As unidades de Peay aumentavam gradativamente o número de prisioneiros sob sua guarda e estavam expandindo Cobra em 32 km, de um lado para o outro, como um grande ponto de reabastecimento em apoio às operações futuras. Os helicópteros pesados Chinook transportaram peças de artilharia, equipamento para abastecimento, combustível e material de construção para o estabelecimento de uma importante base logística, a fim de apoiar o avanço do XVIII Corpo para o Norte (SCHUBERT; KRAUS, 1998).

Assim que a 101ª completou a segurança de Cobra, a divisão reabasteceu seus helicópteros e continuou seu avanço para o norte. Até a tarde, já havia bloqueado a autoestrada 8, a cerca de 270 quilômetros no interior do Iraque. Nesse momento, as tropas de Peay fecharam a primeira e mais importante das várias estradas que ligavam as forças iraquianas do Kuwait a Bagdá (SCHUBERT; KRAUS, 1998).

O avanço estava sendo muito mais rápido que o esperado e para manter a impulsão de suas tropas, o General Luck, comandante do XVIII Corpo, decidiu dar maior liberdade de

movimento aos seus líderes subordinados. Ele assumiu a responsabilidade logística do seu corpo, apoiando nos momentos e nos locais chave para manter o avanço contínuo. Dessa maneira, Luck abriu mão de metade do seu apoio de fogo, pois a velocidade do avanço de 80 quilômetros por hora ultrapassava a velocidade máxima de 48 quilômetros por hora das baterias de artilharia para entrar em posição, a solução encontrada foi realizar o deslocamento desses elementos por lanços alternados. Este risco podia ser aceito enquanto a defesa iraquiana permanecesse fraca (SCHUBERT; KRAUS, 1998).

A 24ª Divisão, de acordo com o planejamento, bloquearia o vale do Rio Eufrates para impedir que as tropas iraquianas se retirassem para o norte, e então atacaria na direção leste, coordenados com o VII Corpo, destruindo as divisões blindadas das Forças da Guarda Republicana. No início do ataque, a 24ª possuía 25.000 soldados distribuídos por trinta e quatro batalhões, sendo tão grande quanto uma divisão da Primeira Guerra Mundial. Às 15 horas iniciou o ataque da divisão, penetrando cerca de 80 quilômetros no Iraque, sem muita resistência atingiram um local próximo ao objetivo White e um pouco mais a fundo da base Cobra, no setor da 101ª. As novas tecnologias, incluindo óculos de visão noturna e os aparelhos transmissores Budd Light, possibilitavam a progressão noturna. E então, apenas por volta da meia-noite o avanço foi pausado a 120 quilômetros no interior do Iraque (SCHUBERT; KRAUS, 1998).

Inicialmente o VII Corpo atacaria apenas no dia 25 de fevereiro, entretanto a rápida progressão do XVIII Corpo, fez com que o General Schwarzkopf antecipasse o ataque do VII Corpo em quatorze horas. O ataque tinha como objetivo, a aproximadamente 130 quilômetros, a cidade de Al Busayyah, onde se localizava uma grande base logística. As tropas enfrentaram pouca resistência das forças iraquianas, duramente castigadas pelos ataques aéreos. No fim do dia, o VII corpo havia 1300 prisioneiros iraquianos sob sua guarda (SCHUBERT; KRAUS, 1998).

Figura 6 – Dia G



Fonte: Finlan (2003)

25 DE FEVEREIRO: G+1

O XVIII Corpo Aeroterrestre continuou a sua progressão para o interior do Iraque. A 82ª acompanhou a 6ª Divisão Blindada Leve francesa entrando na cidade de Al Salman (SCHUBERT; KRAUS, 1998).

A 3ª Brigada da 101ª Divisão partiu das suas zonas de reunião ao longo da fronteira Arábia Saudita-Iraque para ocupar posições de bloqueio e observação na rodovia 8 na porção sul do Rio Eufrates, a oeste da cidade de Na Nasiriyah e poucos quilômetros acima da base aérea iraquiana Tallil. Esse desembarque foi o assalto aéreo mais profundo da história militar, caracterizando uma distância de 280 quilômetros (DEPARTAMENT OF DEFENSE, 1992).

A 101ª Divisão executou uma extensa operação aeromóvel e estabeleceu uma cabeça de ponte aérea entre as cidades de As Samawh e Nasiriyah que lhe permitiu o controle da autoestrada Bagdá - Bassorá. Esta operação foi conduzida durante a noite e com chuva, numa extensão de 280 Km, por 3.000 homens e 300 helicópteros, permitindo cortar as linhas de comunicações das forças iraquianas e iludir a Guarda Republicana (RIBEIRO, 2000).

Antes do amanhecer do dia 25, às 3h a 24ª Divisão iniciou o deslocamento para seu objetivo principal, Brown, mais a oeste da zona de ação da divisão. Seis horas mais tarde atacou o objetivo Grey e na parte da tarde influiu para a direita investindo contra o objetivo Red,

diretamente ao norte de Grey. Para a surpresa das forças do General Schwarzkopf, a 24ª Divisão conquistou, em apenas dezenove horas, três objetivos importantes e aprisionou centenas de homens, encontrando fraca resistência dos iraquianos desgastados principalmente pela pesada preparação da artilharia. (SCHUBERT; KRAUS, 1998).

Ao findar do dia, XVIII Corpo Aeroterrestre havia progredido no que dizia respeito a todas as divisões, conquistado objetivos importantes, criado uma base de operações avançada atuante, montado posições de bloqueio valor brigada, no vale do Rio Eufrates, e capturando milhares de prisioneiros de guerra, tendo como baixas dois mortos em combate e dois desaparecidos. (SCHUBERT; KRAUS, 1998).

O VII Corpo, por outro lado enfrentava alguns problemas, alguns países árabes se mostravam relutantes em atacar o Iraque, preocupados com relações pós-guerra com seus vizinhos. Dessa maneira, as forças sírias e egípcias não avançaram, o que ocasionou uma enorme brecha na linha aliada. Prevendo essa situação, o General Schwarzkopf deslocou a 1ª Divisão de Cavalaria a leste do Vadi al Batin. O avanço do VII Corpo continuou, em direção ao norte após o amanhecer, adotando a seguinte sequência tática: antes do contato visual, eram realizadas incursões por helicópteros e pela Força Aérea, e a artilharia iniciava os fogos de preparação; assim que fosse feito o contato visual com os inimigos, as equipes de operações psicológicas transmitiam apelos para que se rendessem. Essa sequência foi suficiente para que a maioria dos iraquianos se rendessem nos objetivos do Corpo (SCHUBERT; KRAUS, 1998).

Figura 7 – Dia G+1



Fonte: Finlan (2003)

26 DE FEVEREIRO DE 1991: G+2

A 6ª Divisão Blindada Leve francesa desobstruiu e protegeu todos os seus objetivos e moveu sua frente para proteger o flanco esquerdo do teatro de operações. Enquanto a 82ª Divisão continuou a atuar na retaguarda realizando a proteção dos eixos de suprimento (DEPARTMENT OF DEFENSE, 1992).

A 101ª, com sua 3ª brigada, continuou com o bloqueio da principal rota entre Bagdá e a cidade do Kuwait, e começou a planejar o envio da 2ª Brigada para o leste, com o objetivo de estabelecer outra base de operações e atacar a estrada a Norte de Al-Basrah (DEPARTMENT OF DEFENSE, 1992).

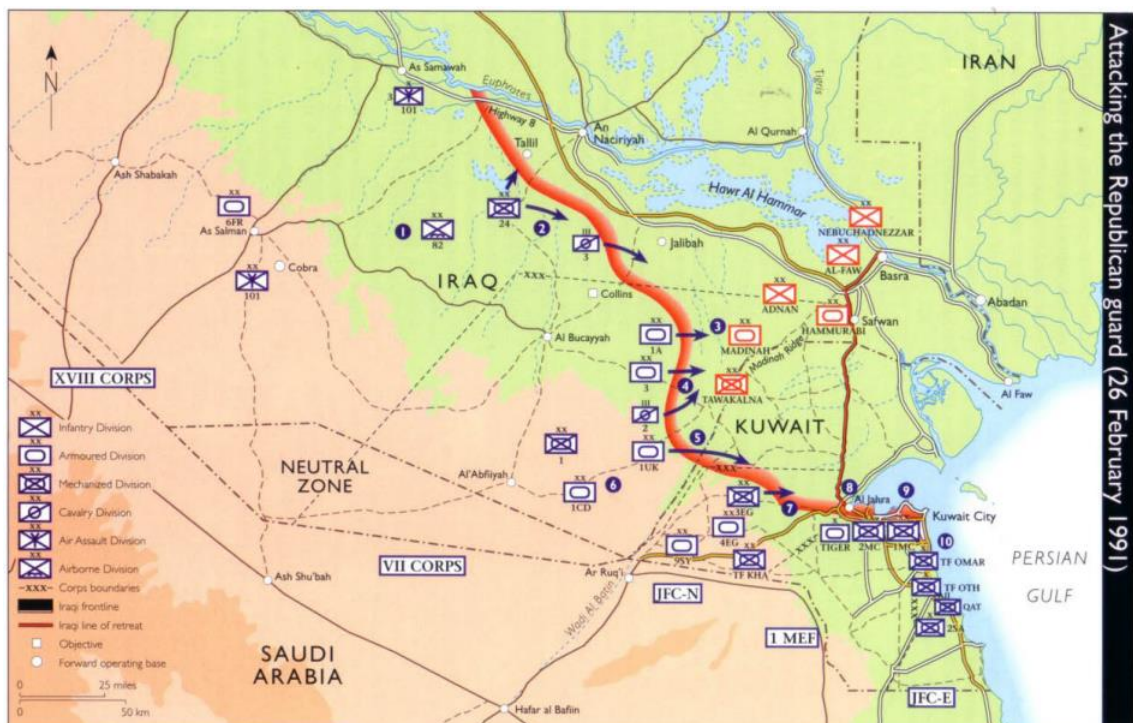
A 24ª Divisão liderou o ataque no vale, em direção aos campos de pouso de Jalibah e Tallil ao norte. Durante esses ataques, a 24ª encontrou a mais dura resistência na guerra, lutando contra três divisões iraquianas, incluindo a Divisão Nabucodonosor da Guarda Republicana. Na tempestade de areia e na escuridão, as vantagens tecnológicas, principalmente as imagens térmicas, do exército americano se tornaram evidentes. A combinação de armamento superior e técnica superior fez a divisão após um dia e uma noite, vencer nas “batalhas dos vales” (SCHUBERT; KRAUS, 1998).

Nesse dia o XVIII Corpo Aeroterrestre atingiu todos os seus objetivos com: as linhas de comunicação no vale do Rio Eufrates interditas, os reforços das forças iraquianas no Kuwait bloqueados e o envolvimento completo das forças inimigas no Kuwait e no sudeste do Iraque (DEPARTMENT OF DEFENSE, 1992).

O VII Corpo logo após o amanhecer, realizou três ataques ao norte e a leste de suas posições. O primeiro deles tinha como objetivo a cidade de Al Busayyah, onde capturaram o quartel general do VII corpo iraquiano e também a sua base logística. O segundo visava o objetivo Collins a leste de Al Busayyah, enfrentando unidades da Divisão Tawakalna da Guarda Republicana. O terceiro deles, a 30 quilômetros a leste de Collins, o mais difícil deles, no qual as unidades do VII Corpo foram as únicas unidades a combateram com inferioridade em efetivo e armamento durante toda a campanha terrestre (SCHUBERT; KRAUS, 1998).

Os iraquianos, que há muito esperavam um ataque americano vindo do sul e do leste, estavam, então, freneticamente mudando de posições centenas de carros-de-combate, peças de artilharia e outras viaturas para fazer frente ao ataque furioso que viria do oeste. Do lado iraquiano, as unidades mudavam de posição a cada minuto. (SCHUBERT; KRAUS, 1998, p. 274)

Figura 8 – G+2



Fonte: Finlan (2003)

27 DE FEVEREIRO: G+3

A 2ª Brigada da 101ª Divisão estabeleceu a nova base de operações avançadas Viper e realizou a sua segurança, permitindo as primeiras unidades do XVIII Corpo Aeroterrestre aterrissarem na nova base, localizada a 200 quilômetros leste da base Cobra (SCHUBERT; KRAUS, 1998).

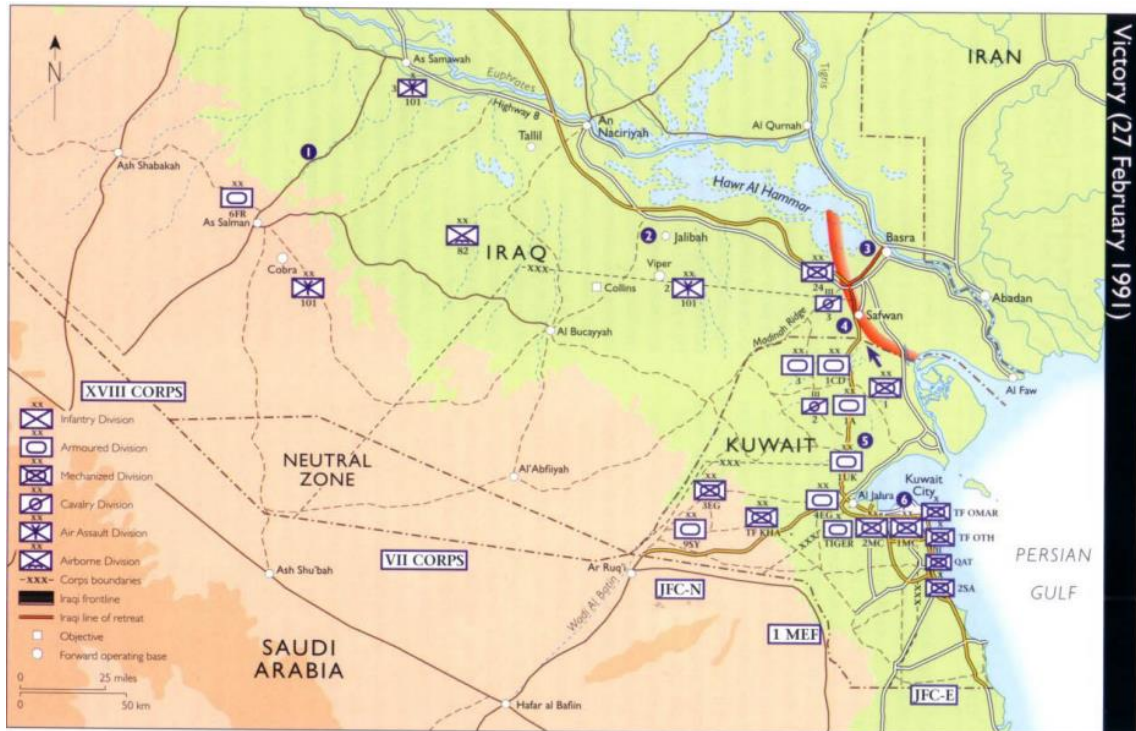
Às 10 horas ocorreu o primeiro assalto de dois batalhões de helicópteros de ataque à estrada de Al-Basrah, no qual destruiu todos os veículos na estrada, espalhando destroços e bloqueando qualquer tipo de movimento. O ataque sofreu a redução de sua visibilidade devido a queima dos campos de petróleo por Saddam Hussein. A fumaça era tão escura que as aeronaves confiaram inteiramente nas visões termais para realizar as suas ações. Outro ataque foi disposto ao norte do Lago Al Hammar e engajou os alvos que já haviam cruzado a estrada. Com a última das rotas de fuga interditada, a maior parte das unidades do exército iraquiana estavam agora entre as forças da 24ª Divisão, do VII Corpo e do Rio Eufrates (DEPARTAMENT OF DEFENSE, 1992).

O General Peay planejou e preparou para lançar a 1ª Brigada, partindo de Cobra passando por Viper e atingindo o objetivo Thomas. Essa manobra fecharia completamente as rotas de fuga do exército iraquiano pelo bloqueio da rodovia de Basra, porém o cessar-fogo não permitiu a realização desta operação (EVERETT, 1991).

A 24ª Divisão se deslocou meia noite rumo a leste, tendo como missão conquistar os dois aeroportos, Tallil e Jalibah. À tarde as unidades da divisão conquistaram ambos os objetivos, mudando então a sua frente para o leste e encontrando elementos da Divisão Hamurábi da Guarda Republicana. A unilateralidade do conflito ficou evidenciada pela rapidez com que as tropas da divisão se deslocaram pela autoestrada 8. Muitos motoristas das viaturas iraquianas se depararam com o completo desastre, sem a possibilidade de organizar uma nova defesa e fugiram desordenadamente pelo deserto ou pela estrada, sem nenhum êxito, sendo destruídos pelas forças da divisão. Na madrugada do dia 28, centenas de veículos estavam aos pedaços e fumegando na autoestrada e em pontos no deserto (SCHUBERT; KRAUS, 1998).

No setor do VII Corpo, os combates do dia anterior prolongaram-se pela manhã, destruindo as divisões da Guarda Republicana que tentavam se reposicionar ou fugir. Nesse dia as tempestades de areia já haviam passado e pode-se perceber a maior concentração de poder blindado e mecanizado desde a Segunda Guerra Mundial. O corpo continuou o avanço a leste de Al Busayyah, atacando as Divisões Tawakalna, Medina e Adnan da Guarda Republicana. E por fim, montou uma posição de bloqueio na rodovia que ligava Al Basrah a cidade do Kuwait (SCHUBERT; KRAUS, 1998).

Figura 9 - G+3



Fonte: Finlan (2003)

28 DE JANEIRO: G+4

Nesse dia, o Presidente Bush determinou o cessar-fogo, dando fim a vitória mais rápida e mais completa da história americana. No mais positivo dos cenários, apenas sete das quarenta e três divisões iraquianas ainda possuíam capacidade de conduzir operações (SCHUBERT; KRAUS, 1998).

2.5 OPERAÇÕES AEROMÓVEIS

De acordo com o Manual de Campanha EB70-MC-10.218 Operações Aeromóveis 2ª edição (2022), as Operações Aeromóveis são operações complementares, realizadas por forças de aviação, isoladas ou em conjunto com forças de superfície, compondo uma força-tarefa aeromóvel. Assim, visam o cumprimento de tarefas aeromóveis em benefício de determinado escalão da Força Terrestre. Estas operações podem ocorrer em qualquer faixa do espectro dos conflitos (em situação de guerra e de não guerra). Nas operações ofensivas e nas defensivas, colaboram para aprofundar o combate, assegurando vantagem tática em regiões fracamente defendidas ou ocupadas pelo oponente.

As Op Amv apresentam as seguintes características principais: velocidade, para vencer rapidamente grandes distâncias e ultrapassar obstáculos do terreno; iniciativa; flexibilidade; oportunidade; modularidade; seletividade; sustentabilidade; agressividade; e relativa surpresa. (BRASIL, 2022, p. 13)

O Manual de Campanha Operações Aeromóveis, 2ª Edição (2022), também explicita a condicionante das Tarefas Aeromóveis, sendo dependentes da superioridade aérea, mesmo que temporária, e estão condicionadas às possibilidades das defesas aérea e antiaérea do inimigo. Considera ainda que a busca de resultados decisivos – só podem ser conquistados com ações que explorem a iniciativa e a rapidez, atuando sobre os pontos fracos do oponente, para isolá-lo, privá-lo da capacidade de manobrar e retirar-lhe a habilidade de reagir com eficácia – possibilita oportunidades para o emprego de elementos da Aviação do Exército e de forças de superfície leves e versáteis, como as tropas aeromóveis.

Nas operações em profundidade as Operações Aeromóveis ganham especial importância, uma vez que proporcionam a qualquer uma das operações básicas elementos, como rapidez, possibilidade de ação oportuna e decisiva, além de suporte logístico e apoios, os mais variados possíveis. Essas operações são destinadas eminentemente a complementar as operações ofensivas e são empregadas sobre objetivos compensadores e fundamentais para a consecução da manobra, em virtude da maior rapidez e da flexibilidade proporcionadas pelos vetores aéreos (BRASIL, 2022).

O Manual de Campanha Operações Aeromóveis, 2ª edição (2022, p. 71), enfatiza a utilização em certos tipos de Operações Ofensivas, “as tropas aeromóveis (de Spf e de Av) têm maior eficácia nas manobras profundas, como também no aproveitamento do êxito e na perseguição, em virtude da amplitude das ações aeromóveis.”

2.5.1 Assalto Aeromóvel

Conforme o Manual de Campanha EB70-MC-10.218 Operações Aeromóveis 2ª edição (2022), O assalto aeromóvel é a operação na qual tropa adestrada e equipada é deslocada, buscando o envolvimento, a captura ou a destruição de forças inimigas, como também a conquista e manutenção de regiões importantes do terreno para o prosseguimento das operações.

O Ass Amv é executado em áreas fracamente defendidas ou não ocupadas pelo inimigo, devido à vulnerabilidade dos He aos fogos terrestres. A análise dos fatores de decisão deverá indicar a necessidade de um Ass Amv, haja vista a quantidade e a

qualidade de meios humanos e materiais alocados para essa operação, a sua complexidade de planejamento, a execução e o risco de elevadas perdas em pessoal e equipamentos de elevado custo. O Ass Amv é uma operação de grande vulto, cujo sigilo é quebrado após o seu desencadeamento. (BRASIL, 2022, p. 35)

O Assalto Aeromóvel normalmente tem objetivos localizados à retaguarda do dispositivo inimigo e que, preferencialmente, estejam situados dentro do alcance de utilização da artilharia de campanha do escalão superior. É o caso do emprego nas operações de aproveitamento do êxito e nas de perseguição (BRASIL, 2022).

De acordo com Manual de Campanha Operações Aeremóveis, 2ª edição (2022), a finalidade do Ataque é destruir ou neutralizar o inimigo. À medida que este se organiza em uma posição defensiva, fica menos viável o emprego de meios de uma força aeromóvel, especialmente, devido à exposição das aeronaves ao sistema de vigilância e ao fogo coordenado e integrado das forças inimigas, particularmente dos sistemas de defesa antiaérea. Para isso é utilizado o:

Ass Amv para conquistar objetivos à retaguarda ou nos flancos da posição defensiva do inimigo, com a finalidade facilitar ou permitir o prosseguimento das forças amigas, isolar a região do terreno de interesse para a manobra, manter ou destruir instalações vitais de valor tático ou estratégico, impedir ou dificultar o retraimento de forças inimigas, bloquear o movimento de reservas ou reforços. (BRASIL, 2022, p. 73)

Na sequência de um ataque bem-sucedido, segundo o Manual de Campanha Operações Aeremóveis, 2ª edição (2000), o aproveitamento do êxito é caracterizado por um avanço contínuo e rápido das forças amigas. Tem a finalidade de ampliar ao máximo as vantagens obtidas no ataque e anular a capacidade do inimigo de se reorganizar ou realizar um movimento retrógrado ordenado. Com o emprego do:

Ass Amv, para conquistar e manter objetivos profundos à retaguarda do inimigo, com a finalidade de interditar seus itinerários de retirada, impedir o recebimento de reforços ou interromper seu eixo de suprimento (BRASIL, 2022, p. 73-74).

Como último tipo de Operação Ofensiva, segundo o Manual de Campanha Operações Aeremóveis, 2ª edição (2022), a perseguição é o tipo de Operação Ofensiva destinada a cercar e a destruir uma força inimiga que tenta fugir. No cerco às forças inimigas, e deve ser empregada ao máximo. A tropa aeromóvel pode ser empregada como parte da força de cerco, sendo efetuado o Assalto Aeromóvel para conquistar acidentes importantes do terreno que garantam a progressão da força de cerco e objetivos que permitam bloquear a retirada do inimigo.

3 REFERENCIAL METODOLÓGICO

Foi realizada uma pesquisa qualitativa para a produção deste trabalho. Utilizou-se do método histórico estudando a Guerra do Golfo e os acontecimentos que a sucederam, para isso o instrumento de coleta de dados usado foi o fichamento das fontes bibliográficas estudadas.

A elaboração da presente monografia iniciou-se com a leitura dos livros “Tempestade do Deserto”, de Frank N. Schubert e Theresa L. Kraus e “The Gulf War”, de Alastair Finlan. Com o estudo dos livros foi possível conhecer o contexto geral da Guerra do Golfo, a condução de suas operações e os resultados do conflito. Após, foi realizada a pesquisa em trabalhos acadêmicos, revistas e documentos oficiais que tinham ênfase na ofensiva terrestre da Operação Desert Storm. Em seguida, foi efetuado, em manuais, a investigação das doutrinas, tanto a utilizada na Guerra quanto a usada atualmente no Exército Brasileiro. Posteriormente, buscou-se estudos nacionais e internacionais que analisam o emprego das operações aeromóveis. Por fim, realizou-se a análise de todo o conhecimento adquirido com o intuito de solucionar o problema da pesquisa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao final da Guerra do Golfo, com o cessar-fogo após apenas 100 horas de operações terrestres, ficou claro que a Operação Desert Storm foi um imenso sucesso. O êxito da campanha foi muito além do planejado, as forças da coalizão se prepararam para um apoio logístico de pelo menos sessenta dias após o Dia G e acabou sendo necessário apenas por três dias e meio. A integração das três forças: terrestre, naval e aérea, foi sem dúvida crucial para a incrível vitória da coalizão, utilizando como principais elementos as forças armadas dos Estados Unidos, com destaque aos VII e o XVIII Corpos de Exército na ofensiva terrestre.

Os ataques aéreos desencadeados por mais de um mês tiveram grande importância para o resultado da guerra, porém mesmo sofrendo pesadas perdas desde o início das ações militares da coalizão, Saddam Hussein se recusou a se retirar do Kuwait. Fato esse que implicou numa campanha terrestre para retirar as tropas iraquianas, deixando claro que mesmo com todos os avanços tecnológicos e com o grande avanço da força aérea desde a última grande guerra, as forças terrestres ainda cumpriam um papel insubstituível com a sua presença no teatro de operações.

Ao longo das impressionantes 100 horas, por meio da Operação Desert Storm, de acordo com o Department of Defense (1992), as forças da coalizão conseguiram completar todos os objetivos estabelecidos pelo comando central das forças da coalizão: controlar as principais linhas de comunicações no teatro de operações; retirar as forças iraquianas do Kuwait; assegurar o Aeroporto Internacional do Kuwait e as rodovias a oeste da Cidade do Kuwait; flanquear, separar e destruir as Forças da Guarda Republicana; e liberar a Cidade do Kuwait.

Dentre os seis objetivos pode-se dizer que três deles foram alcançados pela participação direta da 101ª Divisão Aeroterrestre do XVIII Corpo Aeroterrestre. Utilizando-se de operações com assalto aeromóvel, a 101ª Divisão liderou pela vanguarda, o grande envolvimento a oeste realizado pelo XVIII Corpo. Por meio destas ações a divisão conseguiu obter o controle da principal rota com Bagdá, a oeste do Kuwait, flanqueou e ajudou na destruição das unidades da Guarda Republicana. Os resultados mostram que estas operações, valendo-se do assalto aeromóvel mais distante da história, segundo o Department of Defense (1992), foram imprescindíveis para o sucesso do plano adotado pela coalizão, principalmente por impor o bloqueio de suprimentos às tropas iraquianas já instaladas no Kuwait e de reforços vindos do Iraque a noroeste.

Conforme a manobra realizada pelo ARCENT, Eito (2017, p. 48) concluiu que:

O emprego das Bases de Operações Avançadas Cobra e Viper com o emprego de forças aeromóveis e helicópteros de ataque permitiu a projeção do poder de combate para a profundidade do dispositivo inimigo, interditando a grandes distâncias e em pouco tempo seus caminhos de retraimento e destruindo suas retaguardas de combate.

Segundo Eito (2017), no nível tático as ações de interdição realizadas pela 101ª Divisão foram um dos fatores que provocaram o êxito da operação. O sucesso foi principalmente resultado das forças da divisão impedirem e causarem baixas nas tentativas da retirada das tropas iraquianas.

O emprego dos helicópteros foi essencial no desenvolvimento das operações durante a campanha terrestre de acordo com Finlan (2003), destacando o transporte das forças, juntamente com o poder de fogo, de choque e a proteção oferecidos em objetivos que os carros de combate não alcançavam.

Vale lembrar que os helicópteros não foram usados apenas para operações do tipo assalto aéromóvel, foram utilizados muitas vezes em operações de ataque aeromóvel, sendo essas realizadas por helicópteros de ataque do exército americano. Porém ainda sim, o transporte de tropas por meio de helicópteros foi essencial a condução da Operação Desert Storm.

Segundo Faro (2008), a maneira como foi empregada a Infantaria e a Cavalaria em conjunto com os helicópteros foi a principal lição a ser aprendida nesta guerra, a qual se tornou uma referência neste quesito. Sendo o Exército o responsável pela ocupação do terreno após a preparação feita pela campanha aérea, ficou evidente que essa missão se tornou eficiente pelo emprego combinado com helicópteros. Por fim, a utilização das armas-base com o uso dos helicópteros materializou a doutrina Air Land Battle usada pelo Exército neste conflito.

As operações de assalto aeromóvel realizadas pela 101ª Divisão demonstraram os benefícios do princípio da profundidade com um dos pilares da doutrina da Batalha Ar-Terra. A capacidade da divisão de prover sua própria base de operações avançadas por meio do assalto aeromóvel, e posteriormente estender seu alcance operacional a fim de cortar os eixos de suporte iraquianos não teve precedentes na história militar. O resultado foi o teste não só da nova doutrina como também das novas tecnologias desenvolvidas. A Operação Desert Storm revelou que o assalto aeromóvel proporcionou profundidade e simultaneidade mais do que qualquer outro tipo operação do exército americano (RAUB, 2016).

Ao final da Guerra, de acordo com Everett (1991), a 101ª Divisão percorreu distâncias mais longas e empregou mais poder de fogo do que os planejadores da doutrina Air Land Battle poderiam imaginar.

A Doutrina Delta desenvolvida pelo Estado Maior do Exército Brasileiro no ano de 1996, atualizou os conceitos doutrinários orientadores do preparo e do emprego da Força Terrestre, procurando adequá-los as novas necessidades do combate moderno (BRASIL,1996). De acordo com Reis (2007), houve uma marcante influência da doutrina batalha aeroterrestre, testada na Operação Desert Storm, sobre a Doutrina Delta, evidenciada nos fundamentos doutrinários e nos princípios de emprego. Dentre esses destaca-se a iniciativa, agilidade, sincronização e capacidade de gerenciamento das informações comuns às duas doutrinas.

A Portaria N° 003-EME, de 2014, revogou o manual que instituiu a Doutrina Delta, IP 100-1 Bases para a Modernização da Doutrina de Emprego da Força Terrestre (Doutrina Delta) e aprovou o Manual de Fundamentos EB20-MF-10.102 DOCTRINA MILITAR TERRESTRE. Porém mesmo assim, a Doutrina Delta não foi descartada, segundo Victor Lucas (2019, p. 15-16):

A Doutrina Delta foi revogada, entretanto os seus princípios (fruto da análise de campanhas militares ao longo da história, as quais, apesar de apresentarem variações no espaço e no tempo, são pontos de referência que orientam e subsidiam os chefes militares no planejamento e na condução da guerra sem, no entanto, condicionar suas decisões) foram absorvidos pelo manual EB20-MF-10.102 Doutrina Militar Terrestre

À luz da doutrina brasileira atual, a atuação da 101ª Divisão Aeroterrestre, com base em suas operações aeromóveis, atingiu os objetivos citados pelo Manual de Operações Aeromóveis por meio da busca de resultados decisivos e pela profundidade das ações. Os resultados decisivos foram conquistados: explorando a iniciativa, através do início da ofensiva bem como com o aproveitamento das oportunidades do combate, até mesmo adiantando o horário das ações; explorando a rapidez, com a incrível velocidade de progressão das forças da divisão; e atuando sobre os pontos fracos do oponente, por meio da ofensiva realizada a oeste do teatro de operações, local em que o inimigo defendia fracamente. A profundidade foi atingida proporcionando grande alcance às operações cujo objetivo geral foi realizar o envolvimento do Exército iraquiano.

O assalto aéromóvel realizado durante a Operação Desert Storm, pode ser dividido de acordo com três tipos das Operações Ofensivas. O ataque, no primeiro dia conquistando objetivos no flanco oeste das tropas iraquianas com a finalidade de permitir o avanço tanto da 24ª Divisão como do VII Corpo. O aproveitamento do êxito, nos segundo, terceiro e quarto dias alcançando objetivos profundos na região do vale do Rio Eufrates, interditando a retirada, o recebimento de esforços e o eixo de suprimento iraquianos. A perseguição, a ser realizada no

quinto dia com a conquista acidentada capitais, garantindo a progressão principalmente da 24ª Divisão e o bloqueio da retirada do inimigo.

No envolvimento profundo realizado pela 101ª Divisão destacou-se dentre as características principais das operações aeromóveis a: velocidade, iniciativa, flexibilidade, oportunidade, agressividade e a surpresa.

Analisando o envolvimento do XVIII Corpo, pode-se dizer que tanto a 101ª Divisão Aeroterrestre como a 24ª Divisão Mecanizada conquistaram seus objetivos com grande sucesso: a 101ª neutralizando o eixo de suprimento e evacuação das forças iraquianas ao longo do Rio Eufrates, com a interdição da rodovia 8, e a 24ª isolando as forças de Saddam Hussein de Bagdad, separando e destruindo as suas reservas operacionais e estratégicas. É válido ressaltar também, que uma das atribuições da 101ª Divisão foi apoiar a progressão da 24ª Divisão, sendo essa missão também um sucesso. O sucesso pode ser visto de maneira mais clara no baixo número de baixas, a 101ª com apenas 5 (EVERETT, 1991) e a 24ª com 8 mortos em ação (SCHUBERT; KRAUS, 1998), sem dúvida um dos números mais expressivos de toda a guerra.

Nos anos posteriores a Guerra do Golfo até os dias atuais, as operações aeromóveis ocuparam um importante papel nos exércitos de todo o mundo, principalmente por sua flexibilidade e mobilidade. O Exército americano em particular continuou o largo uso de helicópteros nas suas principais campanhas após 1991, em 2004 novamente no Iraque e em 2009 no Afeganistão. Por outro lado, esses combates demonstraram certas deficiências na frota de helicópteros utilizadas. Análises decorrentes dos conflitos recomendaram a modernização e a substituição deste tipo de aeronave em todo o Exército (DURAND; MICHEL; TENENBAUM, 2012). Desta maneira é possível observar a atenção recebida por este tipo de operação, possuindo projetos que almejam o aperfeiçoamento das ações nesta área.

No Brasil, pode-se notar os reflexos do assalto aeromóvel na Operação Desert Storm, ainda na mesma década com a implantação da 12ª Brigada de Infantaria Leve (Aeromóvel) tendo como principal característica a sua modularidade com o dever de atuar em curto prazo em qualquer parte do território nacional. Segundo Plum (1996), houve na época uma tendência mundial do reconhecimento do valor estratégico e da utilidade das forças leves de infantaria, levando o Exército Brasileiro a realizar um amadurecimento neste tipo de operação. Como resultado também, houve a aquisição no final da década, de dois novos modelos de helicópteros, o americano Black Hawk e o francês Cougar. A atualização doutrinária marcou os primeiros anos da década seguinte, com a instauração da Doutrina Delta e a aprovação de quatro documentos, do tipo instruções provisórias, com ênfase na aeromobilidade e na aviação do exército. Porém as consequências da Operação Desert Storm ecoam até os dias atuais, as

aprovações das primeiras edições do Manual de Operações Aeromóveis em 2017 e no ano passado, mesmo que tardias, demonstram a especial atenção voltada a aeromobilidade pelo Exército Brasileiro.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Guerra do Golfo tem sua notável importância por ser a primeira crise internacional após o fim da Guerra Fria e pela grande repercussão das imagens transmitidas ao vivo na TV pela rede CNN. Porém, do ponto de vista militar, é ainda mais importante pela impressionante vitória da coalizão multinacional.

A principal ação militar do conflito foi a Operação Desert Storm, na qual se destacaram quatro dias de campanha terrestre, que teve como objetivo desarticular e derrubar as forças iraquianas presentes no Kuwait, libertando-o. O ataque valeu-se de uma enorme progressão blindada e de um envolvimento efetuado pelo XVIII Corpo Aeroterrestre.

A 101ª Divisão Aeroterrestre recebeu a missão do XVIII Corpo de realizar o envolvimento mais profundo das tropas iraquianas a fim de cobrir o flanco oeste do VII Corpo e bloquear o eixo de suprimento e evacuação das forças iraquianas, isolando as forças de Saddam Hussein no Kuwait de suas reservas situadas no Iraque. Para isso realizou um longo movimento sigiloso em direção a oeste se posicionando para o início da ofensiva terrestre em 24 de fevereiro.

No Dia G, as tropas do General Peay estabeleceram a base de operações avançadas Cobra, alcançando metade da distância até o Rio Eufrates aumentando o alcance das operações a serem realizadas no interior do Iraque. O movimento foi completado já no segundo dia de operações, com a interdição da rodovia 8 na porção sul do Rio Eufrates, permitindo cortar o eixo de ligação das tropas iraquianas no Kuwait com suas reservas no Iraque. No terceiro dia, a 101ª Divisão reforçou suas posições de bloqueio e planejou suas ações para os próximos dias. Em G+4, as forças da divisão estabeleceram uma nova base de operações avançadas a leste, Viper, e atacou os objetivos ao longo do vale do Rio Eufrates.

O assalto aeromóvel demonstrou uma alta eficiência, com destaque para sua grande velocidade, vencendo grandes distâncias, e pelo seu pequeno número de baixas, sendo apenas 5 em toda a Divisão com quatro dias intensos de operações. O seu incrível sucesso pode ser medido pelo uso ainda maior de operações aeromóveis nos anos seguintes e pelos reflexos da doutrina Air Land Battle no mundo todo, enfatizando o papel das unidades de infantaria leve.

Seguindo as linhas de pesquisa sugeridas pela AMAN/DECEX, Preparo e Emprego da Força Terrestre e Instituições Militares e seus Personagens, é notada a importância de futuros estudos sobre o uso de helicópteros de ataque na Operação Desert Storm, o qual sem dúvida foi um dos fatores que levaram a vitória da coalizão e representa uma área não tão explorada pelo Exército Brasileiro. Como sugestão também, ressalta-se pesquisas com foco no assalto

aeromóvel durante as principais guerras do combate moderno, por ser esse tipo de operação uma tendência mundial do século XXI.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. **EB20-MF-10.102. Doutrina Militar Terrestre**. 1. ed. Brasília: EGGCF, 2014. Disponível em: http://www.esao.eb.mil.br/images/Arquivos/CMB/publicacoes/manual_de_campanha_doutrina_militar_terrestre.pdf. Acesso em: 21/05/2023.

BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. **EB70-MC-10.218. Operações Aeromóveis**. 2. Ed. Brasília: EGGCF, 2022. Disponível em: <https://bdex.eb.mil.br/jspui/bitstream/123456789/10850/1/Opera%C3%A7%C3%B5es%20Aerom%C3%B3veis%20EB70-MC-10.218%20para%20a%20Difus%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 21/05/2023.

DEPARTMENT OF DEFENSE. **Conduct of the Persian Gulf War: final report to the Congress**. Washington: Office of Secretary of Defense, 1992. Disponível em: <https://apps.dtic.mil/sti/pdfs/ADA249270.pdf>. Acesso em: 17/05/2023.

DURAND, Etienne; MICHEL, Benoît; TENENBAUM, Elie. **Helicopter Warfare: The Future of Airmobility and Rotary Wing Combat**. Institut Français des Relations Internationales, Paris, 2012. Disponível em: <https://www.ifri.org/sites/default/files/atoms/files/fs32bishelicopter.pdf>. Acesso em: 17/05/2023.

EITO, Javier A. **ANALISAR OS FATORES QUE LEVARAM AO ÊXITO NA OPERAÇÃO TEMPESTADE DO DESERTO À LUZ DOS PRINCÍPIOS DE GUERRA DA SURPRESA E A MANOBRA**. 2017. Trabalho Acadêmico (Especialização em Ciências Militares com ênfase em Gestão Organizacional) – Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: https://bdex.eb.mil.br/jspui/bitstream/123456789/3314/1/MONO_EITO_ESAO.pdf. Acesso em: 17/05/2022.

EVERETT, Stephen E. HISTORICAL ESSAY. In: Peay, J. B. H. **AIR ASSAULT IN THE GULF**. Wright, R. K.; Boggs, R.; Lippard, C. U. S. **Army Center of Military History**, Washington, 1991. Disponível em: <https://history.army.mil/documents/SWA/DSIT/Peay.htm#War>. Acesso em: 18/05/2023.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. Headquarters Department of the Army. **FM 100-5 Operations**. Washington, DC, 1986. Disponível em: https://cgsc.contentdm.oclc.org/digital/api/collection/p4013coll9/id/893/page/0/inline/p4013coll9_893_0. Acesso em: 21/05/2023.

FARO, Miguel C. T. **A GUERRA DO GOLFO DE 1991**. 2008. Trabalho de Investigação Aplicada, Academia Militar, Lisboa, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.26/6982>. Acesso em: 17/05/2023.

FINLAN, Alastair. **The Gulf War**. Oxford: Osprey, 2003.

MACIEIRA, Abílio C. **A GUERRA DO IRAQUE 2003 – A CAMPANHA**. 2006. Trabalho Individual de Longa Duração, Instituto de Estudos Superiores Militares, Lisboa, 2006. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.26/11713>. Acesso em: 17/05/2023.

OLIVEIRA, Victor L. **DOCTRINA MILITAR TERRESTRE DE EMPREGO DE ARTILHARIA MECANIZADA**. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Militares) – Academia Militar das Agulhas Negras, Resende, 2008. Disponível em: <https://bdex.eb.mil.br/jspui/bitstream/123456789/5493/1/6356.pdf.pdf>. Acesso em: 17/05/2023.

PLUM, Roberto I. C. **Emprego das Unidade e Grandes Unidades de Infantaria Leve em Operações Aeromóveis no Teatro de Operações Continental**. Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 1996.

RAUB, Jason S. **The Decline of Air Assault Operations**. 2016. Monograph, School Of Advanced Military Studies, Leavenworth, 2016. Disponível em: <https://apps.dtic.mil/sti/pdfs/AD1022206.pdf>. Acesso em 26/05/2023.

REIS, Flávio C. A. **A repercussão da Guerra do Yom Kippur para a evolução da doutrina militar terrestre e para o aperfeiçoamento da arte da guerra no Exército Brasileiro, particularmente no que se refere ao emprego de blindados**. 2007. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2007. Disponível em: <https://silo.tips/download/fig-1-territorios-ocupados-por-israel-outubro-de-1973>. Acesso em: 17/05/2023.

RIBEIRO, Carlos. **A Questão do Conflito do Golfo Pérsico (90/91)**. 2000. Trabalho Individual de Longa Duração, Instituto de Altos Estudos Militares, Lisboa, 2000. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.26/12296>. Acesso em 17/05/2023.

SCHUBERT, Frank N.; KRAUS, Theresa L. (Ed.). **Tempestade do Deserto**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1998. Tradução de: Luis Cesar Fonseca.

PLUM, Roberto I. C. **Emprego das Unidade e Grandes Unidades de Infantaria Leve em Operações Aeromóveis no Teatro de Operações Continental**. Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 1996.